

Coronel Cláudio Moreira Bento



O COMBATE DE JENIPAPO

DESCRIÇÃO E ANÁLISE
MILITAR E A SUA PROJEÇÃO
ESTRATÉGICA NA INDEPENDÊNCIA
DO CEARÁ, PIAUÍ E MARANHÃO



Edição da ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL
(AHIMTB)

RESENDE – RJ, 2009

Composição da Capa: Capitão-de-Mar-e-Guerra Carlos Stumpf Bento, grande colaborador da AHIMTB e administrador de seu site www.ahimtb.org.br e Comendador do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil da AHIMTB. Ele apresenta como fundo alegoria sobre o combate do Jenipapo existente no Monumento do Combate de Jenipapo, em Campo Maior no Piauí, de autoria do artista plástico Francisco J. S. da Paz proprietário de Artes Paz em Campo Maior.

Digitação dos originais: o autor e a maior parte a Professora Municipal de Itatiaia - RJ, Maria Verônica de Abreu, cavaleiro do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil da AHIMTB.

Ilustrações: do Arquivo da AHIMTB e outras colhidas em loco pelo Capitão da Polícia Militar do Piauí José Wilson Gomes de Assis. Foto aérea do local do combate retirada do Google Heart pelo GMG Carlos Norberto Sumpf Bento, depois de indicada pelo Cap PMPI José Wilson Gomes de Assis.

Revisões finais: o autor e Manoelina Gomes Fonseca de Carvalho.

Diagramação: Carlos Eduardo Ferreira Avila.

Logística de pré-produção: José Antônio Alves.

Impressão: Gráfica e Editora Irmãos Drumond Ltda. EPP

CATALOGAÇÃO INTERNACIONAL DA PUBLICAÇÃO

Bento, Cláudio Moreira

Combate de Jenipapo. descrição e análise militar e a sua projeção estratégica na Independência do Ceará, Piauí e Maranhão

84 p.

ISBN: 978-85-60811-07-6

- 1- História da Independência do Brasil
- 2- História militar do Brasil
- 3- História do Piauí
- 4- História de Campo Maior - PI

Catálogo na publicação
Departamento Nacional do Livro

SUMÁRIO

Prefácio	7
Dedicatória	10
Homenagens aos Heróis da Independência do Piauí	11
Introdução.....	12
Antecedentes militares remotos do Piauí.....	13
Antecedentes da Independência no Piauí.....	16
O Grito de reação no Piauí e a reação de Fidié.....	17
A chegada de Fidié em Oeiras em 28/08/1822	18
A marcha forçada de Fidié de Oeiras a Parnaíba	18
Atuação de Fidié em Parnaíba	21
Os acontecimentos em Oeiras na ausência de Fidié	21
A marcha de Fidié de Parnaíba até Jenipapo	24
A concentração patriota em Campo Maior	25
Leonardo de Carvalho Castelo Branco 1788-1873 síntese biográfica	26
O combate de Jenipapo	28
1º Tempo: Deslocamento dos patriotas de Campo Maior a Jenipapo	29
2º Tempo: Patriotas avistam a Vanguarda de Fidié e destacam uma força para atacá-la.....	29
3º Tempo: Patriotas deixam a posição e atacam em massa a Vanguarda que julgavam ser toda a força de Fidié.....	30
4º Tempo: Fidié, percebendo o abandono da posição inicial patriota, avança em manobra envolvente e ocupa a posição no corte do Jenipapo.....	30
5º Tempo: Os patriotas, ao constatarem equívocos que praticaram, retornam surpresos e constatam que sua primitiva posição na margem direita fora ocupada por Fidié e o atacam tentando o envolver e penetrar em sua posição	31
6º Tempo: Os patriotas continuam atacando e tem lugar neste momento pesadas perdas para ambos. Mas os 11 canhões de Fidié tornaram impossível a vitória patriota.....	32
7º Tempo: Os patriotas partem em retirada e um grupo surpreende o Trem de Guerra de Fidié e o saqueiam.....	32

Armamento individual usado na época	33
Armamentos de Artilharia	33
Reunião dos patriotas que lutaram em Jenipapo	34
A concentração patriota em Oeiras	34
A Guerra da Independência do Piauí envolve o Maranhão e se consolida em Caxias, em 1º de agosto de 1823	35
Brigadeiro Manoel de Sousa Martins (1767-1856).....	36
Análise Militar do Combate de Jenipapo	42
O Combate de Jenipapo à luz da Arte Militar	42
A Manobra Patriota.....	42
Os Patriotas e os Princípios de Guerra	43
O Major Fidié e os Princípios de Guerra	45
Fidié, Jenipapo e Caxias no seu livro <i>Vária Fortuna</i> de um Soldado Português.....	46
Ten Gen João José da Cunha Fidié	52
Bibliografia 1790-1858.....	56
Batalha ou Combate de Jenipapo?	59
Álbum relativo à Guerra de Independência no Piauí, fotos e legendas	59 a 78
Dados sobre o autor.....	79
Breves comentários do autor sobre 3 DVD's produzidos pela TV Cidade Verde do Piauí em 2008, um sobre a História da Independência do Piauí e dois sobre a História do Piauí 250 anos.....	80

**A concretização desta obra
foi possível graças ao apoio da:
Associação de Poupança e Empréstimo**

POUPEX

Associação de Poupança e Empréstimo

**TERRENO DO COMBATE DE JENIPAPO
23 MARÇO DE 1823**

(Fonte Google Earth)

Rio Jenipapo

Monumento
aos Heróis

Rodovia
BR 343

O LOCAL DO COMBATE DE JENIPAPO

Na foto anterior, a rodovia BR 343 se desenvolve em curva e logo acima dela se desenvolve o rio Jenipapo. O Monumento de Jenipapo aparece na margem direita da rodovia (sentido à capital Teresina - PI) na altura em que ela e o rio Jenipapo formam uma curva.

No município de Campo Maior - Piauí, junto à rodovia (lado direito) aparece um arco balizando a entrada para o Monumento e logo a seguir, atrás do Monumento em área oval, se localiza o cemitério dos heróis patriotas que tombaram no combate de Jenipapo.

Os patriotas vieram de Campo Maior por detrás do monumento na margem direita do Jenipapo onde tomaram posição inicialmente.

As tropas do Major Fidié provenientes de Parnaíba chegaram no rio Jenipapo pela margem esquerda. Durante o combate elas atravessaram o Jenipapo e tomaram posição na margem direita, depois de desbordarem os patriotas que haviam abandonado esta posição para perseguir, na outra margem, o que julgaram ser toda a força de Fidié em retirada.

E o combate efetivo se deu com os patriotas partindo da margem esquerda para atacarem as forças do Major Fidié que haviam ocupado a posição inicial dos patriotas (com 11 canhões) na margem direita que tem Campo Maior à retaguarda. Esta foto ajudará a melhor entender como se deu o combate e a natureza do Terreno. Na ocasião o rio Jenipapo estava praticamente seco.

PREFÁCIO

Minha admiração pelo incansável e consagrado historiador militar Coronel Cláudio Moreira Bento vem de longa data, desde que através das janelas abertas pela Internet no site www.ahimtb.org.br passei a observar o notável trabalho por ele desenvolvido como Acadêmico Emérito, fundador e Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – (AHIMTB).

Destarte, foi com grande satisfação que recebi seu convite para prefaciar esta obra que vem a ser mais uma das suas notáveis realizações, de História Militar Crítica, feita à luz de fundamentos de Arte e Ciência Militar, onde ele analisa pioneiramente, e relata com rigor histórico e profusão de detalhes a epopéia de 13 de março de 1823, quando, poucos meses transcorridos da Proclamação da Independência do Brasil, um punhado de bravos patriotas maranhenses, piauienses e cearenses defrontou forças fiéis a Portugal, em menor número e melhor armadas e, sob o comando do destacado e experiente soldado então Comandante de Armas do Piauí, Major João José da Cunha Fidié, naquele sangrento episódio que passou a história como o Combate do Jenipapo, travado às margens do rio do mesmo nome, o que impediu que Fidié retornasse para Oeiras, então capital do Piauí, o seu objetivo estratégico.

Nos dias que correm, quando a nação almeja melhor futuro, o legado dos heróis do Jenipapo e ora resgatado criticamente, para sinalizar que passados quase 2 séculos, se preciso for, os soldados do Brasil honrarão novamente a sua memória, como bem o fizeram no Paraguai e na Itália.

Quiçá aqueles que tombaram em Jenipapo tenham recebido além da homenagem digna e merecida traduzida pelo belo monumento erigido pelo Governo e Povo do Piauí em Jenipapo, recebam uma homenagem definitiva que faltou. A de serem exumados e colocados em sepulturas condignas resistentes às intempéries e em lugar de destaque, em reverência eterna aos seus sacrifícios supremos para a grandeza da pátria Brasil, a altura do que disse Péricles o pai da Democracia na Grécia conforme refere o autor em sua dedicatória:

“Aquele que morre em defesa da sua pátria faz mais por ela num dia que os demais em toda a vida.”

Sem dúvida alguma a presente obra traz a baila, agora numa análise crítica pioneira e original, à luz de fundamentos de Arte e Ciência Militar, este episódio marcante de nossa História Militar, o combate de Jenipapo, resgatando cabalmente a sua imorredoura imensa glória, que ficará perenizada nesta edição da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB).

O grande mérito desta obra é do Coronel Bento e da AHIMTB, a qual ao contrário de outras instituições congêneres não dispõe de instalações próprias nem suficientes recursos financeiros, mas que já fulgura com relevante projeção nas lides historiográficas civis e militares nacionais, atingindo níveis de reconhecimento apreciáveis.

Hoje a AHIMTB possui cerca de 20 Delegacias, mais de 100 acadêmicos e correspondentes, espalhadas pelo Brasil, o seu site na Internet com apreciável número de visitas, graças ao seu relevante conteúdo informativo de História Militar Terrestre do Brasil sempre renovado, um Informativo O Guarapes e sua sede e Centro de Informações de História Militar Terrestre do Brasil, acolhido em dependências da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. E criou, em 2003, no bicentenário do seu patrono o Duque de Caxias a Medalha do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, nos graus de Cavaleiro, Oficial e Comendador.

Trata-se de verdadeiro polo irradiador de História Militar Terrestre do Brasil que estuda e desenvolve as histórias do Exército, dos Fuzileiros Navais, da Infantaria da Aeronáutica, das Polícias e Bombeiros Militares, Guarda Nacional e Voluntários da Pátria, a serviço de estudantes, professores e pesquisadores e produtores civis e militares de História Militar Terrestre do Brasil.

Em tudo isso, vejo a realização das palavras do Profeta, quando predisse:

“... cada videira dará mil ramos, cada ramo mil cachos, cada cacho mil uvas, e cada uva um barril de vinho ...”

Vivemos num país jovem, e de jovens. O futuro está em

suas mãos.

Notamos nas prioridades do ilustre Presidente o ajustar a AHIMTB no rumo de servir pelo amor a História Militar Terrestre do Brasil e em especial do nosso Exército, levar os ensinamentos colhidos à Juventude militar e civil, o que tem feito com devoção e insistência cívica, seja Escola de Sargentos das Armas ESA, diante do auditório tomado por mais de 600 futuros sargentos, seja Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais EsAO diante do auditório tomado por mais de 400 capitães-alunos, seja Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, em cerimônias de posse de acadêmicos diante de oficiais alunos que as assistiram, seja no Instituto Militar de Engenharia IME diante de seus futuros Engenheiros Militares, seja na Academia Militar das Agulhas Negras AMAN onde está a sua sede e em apoio constante aos seus cadetes, seja na Escola Naval diante de seu corpo de aspirantes, seja no CPOR do Rio de Janeiro diante de seus alunos, seja na Fundação Osório, Colégios Militares, Escolas de Formação de Polícias Militares de Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro e de Bombeiros Militares de Brasília e Rio de Janeiro, e Quartéis Gerais de Grandes Unidades do Rio Grande do Sul, onde desenvolve as suas histórias dentro do Projeto História do Exército na Região Sul, etc. Só está faltando falar diante dos futuros oficiais de Infantaria da Aeronáutica em Pirassununga e para os Colégios Militares de Manaus e Salvador. Na maioria destes locais chegam as obras produzidas pela AHIMTB e seu informativo O Guararapes e é muito acessado o site da AHIMTB.

Oxalá se multipliquem mais apóstolos desta cruzada para que contribuam cada vez mais para o enriquecimento da Doutrina Militar genuína de nossas Forças Terrestres, sonhada pelo Duque de Caxias e Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, como o fazem as grandes nações e grandes potências mundiais. E assim ajudarão, melhor no caso o nosso Exército a conquistar o seu Objetivo atual nº 1.

“Pesquisar, preservar, cultuar e divulgar a História, as Tradições e os Valores morais, culturais e históricos do Exército. Esta é uma representação do Povo Brasileiro em armas, que

os patriotas civis que lutaram em Jenipapo foram um eloquente exemplo.

Professor Israel Blajberg

Engenheiro do BNDS, Professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal Fluminense; Tenente R/2 de Artilharia e Acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) e seu 3º Vice Presidente e seu Delegado no Rio de Janeiro da Delegacia Marechal João Baptista de Mattos.

DEDICATÓRIA

Em memória:

- Dos patriotas que tombaram mortos no combate de Jenipapo de 23 de março de 1823, lutando pela independência do Brasil, circunstância que segundo Péricles, estrategista e dirigente da Grécia, considerado o criador da Democracia, cujo século em que viveu foi batizado com o seu nome.”

“Aquele que morre na defesa de sua pátria, faz mais por ela neste instante que os demais em toda a vida.”

- Dos líderes militares da luta para a Independência no Piauí os Brigadeiro Manoel de Sousa Martins e Visconde de Parnaíba, o Coronel Simplício Dias da Silva comandante do Regimento de Milícias de Parnaíba que lideraram no campo militar e político a Independência no Piauí e em memória de seus liderados nesta luta vitoriosa.

- Do Alferes Leonardo de Carvalho Castelo Branco, hoje denominação histórica do 25º Batalhão de Caçadores do Exército em Teresina, pela sua atuação revolucionária destacada na pregação da luta para a Independência e pela mobilização no Ceará de duas divisões que invadiram o Piauí para libertá-lo do controle de Portugal. E contribuíram para a reação em Jenipapo contra o Major Fidié. Personagem ancestral do Tenente Coronel Humberto Castelo Branco que foi o Oficial de Operações da FEB e depois presidente da República e hoje denominação histórica da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e patrono da cadeira nº 17 da Academia de

História Militar Terrestre do Brasil.

- Do General professor Jonas de Moraes Correa Filho, natural da Parnaíba, grande educador, historiador e líder cultural no Rio de Janeiro e patrono da cadeira nº 34 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil que nos concedeu a grande honra de nos receber como sócio no Instituto de Geografia e História do Brasil e no Histórico e Geográfico Brasileiro.

- Do Coronel Cecil Barbosa de Carvalho, filho do Piauí que se consagrou como herói da FEB do Regimento Sampaio na conquista de Monte Castelo e educador como professor de Direito na Academia Militar das Agulhas Negras e um dos fundadores da Associação Educacional D. Bosco em Resende e diretor de sua Faculdade de Filosofia e que foi distinto acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

E finalmente D. Otaviano de Albuquerque meu conterrâneo de Canguçu-RS que foi o 2º bispo do Piauí onde deixou marcada sua notável ação pastoral, terminando seu apostolado como Arcebispo de Campos - RJ, honrando assim sua terra natal, onde é considerado filho ilustre, nome de rua e patrono de cadeira da Academia Canguçuense de História que fundamos e presidimos desde 1988.

HOMENAGENS DO EXÉRCITO AOS HERÓIS DA INDEPENDÊNCIA DO PIAUÍ

O Exército Brasileiro, como homenagem aos heróis piauienses das Guerras da Independência, decidiu recomendá-los ao culto no Exército os reverenciando como denominações históricas de suas unidades articuladas no Piauí:

De “Alferes Leonardo de Carvalho Castelo Branco” ao 25º Batalhão de Caçadores.

De “Heróis de Jenipapo” ao 2º Batalhão de Engenharia de Construção, por Portaria Ministerial nº 13 de 27/01/1993.

De “Visconde de Parnaíba” ao 3º Batalhão de Engenharia de Construção, por Portaria do Comandante do Exército de 13 de outubro de 2000.

INTRODUÇÃO

Em 13 de março de 1823, no contexto das Guerras de Independência do Brasil, teve lugar as margens do rio Jenipapo o Combate de Jenipapo, travado por patriotas maranhenses, piauienses e cearenses contra forças fiéis a Portugal ao comando do Major João José da Cunha Fidié, Comandante das Armas do Piauí.

Evento militar grandioso, mas pouco conhecido e divulgado na historiografia brasileira e considerado pelo notável historiador piauiense de Campo Maior, Monsenhor Joaquim de Campos, como a mais emocionante página das guerras da Independência, escrita com sangue e bravura por patriotas do Maranhão, Piauí e Ceará.

A relevância deste combate foi mencionada pelo Marechal Castello Branco com ligações familiares no Piauí, pois seu pai oficial do Exército ali nascera e era parente de um dos heróis da Independência no Piauí. Ou seja o pai do herói o Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castello Branco era tio tetra avô do Marechal Castello Branco, segundo Edgar Ferreira do Pires em seu livro a ser lançado **Os Castello Branco e a Mística do Parentesco** v.5, p.21/25 segundo nos informou D. Priscilla Bueno.

Para o Marechal Humberto de Alencar Castello Branco em Jenipapo foi travado um combate encarniçado onde proporcionalmente morreram mais brasileiros que na Força Expedicionária Brasileira (FEB) da qual foi o seu notável E/3 Oficial de Operações.

Em nossa descrição e análise militar pioneira, à luz dos fundamentos da Arte e Ciência Militar, avaliaremos a projeção do combate de Jenipapo na consolidação da nossa Independência no Maranhão, Piauí e Ceará e pela primeira vez apresentaremos o perfil profissional militar do Major Fidié que comandou as forças portuguesas de Milícias, no Combate de Jenipapo, e com apoio em informações recebidas de Portugal, bem como na exploração de seu livro **Vária Fortuna d'um Soldado Português**, oferecida ao público

pelo Brigadeiro Fidié.

Julgamos que a derrota tática patriota em Jenipapo se constituiu numa vitória estratégica, por haver sido relevante para a consolidação da Independência do Maranhão, Piauí, Ceará e até da Bahia.

Justiça histórica faremos ao longo de nosso estudo aos heróicos patriotas que em Jenipapo, tomaram nessa luta desigual num combate no contexto que classifico de Ação Retardadora. Ou seja um Movimento retrogrado para impedir o retorno de Fidié a Oeiras e de lá anular os esforços dos patriotas com o concurso do Maranhão fiel a Portugal. E conseguiram com seus sacrifícios, em brilhante vitória estratégica impedir que Fidié atingisse seu objetivo estratégico, o retorno a capital Oeiras, indo procurar proteção em Caxias no Maranhão onde terminaria sendo vencido e consolidada a Independência do Maranhão, Piauí e Ceará e proteger a retaguarda dos patriotas em Salvador que ali consolidariam a Independência em 4 julho de 1824, cerca de um ano, 2 meses 11 dias depois do combate de Jenipapo.

Antecedentes militares remotos do Piauí

Segundo nos ensina o grande historiador do Piauí, Monsenhor Chaves, o General português João Pereira Caldas, quando ajudante-de-ordens do Governador do Pará, Francisco Xavier Mendonça Furtado, irmão do Marquês de Pombal, foi mandado para o Piauí como Governador para colocar ordem em disputas pela posse de terras entre posseiros e indígenas.

Chegou a Vila Mocha (atual Oeiras) em 17 de setembro de 1759 e três dias depois assumiu o governo do Piauí.

Na Carta Régia de 19 de julho de 1759 foi-lhe ordenado criar vilas e organizar um Regimento de Cavalaria Auxiliar de Milícias, do qual seria o coronel, bem como restituir aos índios a liberdade pessoal, seus bens e comércio.

A demografia no Piauí era precária. Somente podiam ser elevadas vilas Parnaguá e Santo Antônio do Surubim. Era baixo o nível cultural de seus habitantes e nenhum povoado pos-

suía expressão social.

Assim criou a Secretaria de Governo do Piauí, o Almoxtarifado e a Provedoria de Fazenda e as forças militares do Piauí, que consistiram em 10 Companhias de Cavalaria Auxiliar, com 60 homens cada, com um efetivo de 600 milicianos (tropa de 2ª linha) e 5 batalhões mais duas Companhias de Ordenanças, tropas de 3ª linha para defesa local e a serviço da Justiça e da Fazenda, num total de 1.574 praças. O total das forças de Milícias de Cavalaria e Infantaria de Ordenanças era de 2.874.

Portanto não dispôs de tropa de 1ª linha ou tropas pagas, o que cerca de 60 anos mais tarde Fidié também não as possuiria.

Ao recrutamento para oficiais de furriel a tenente coronel, ninguém se apresentou. Mas ele recrutou oficiais de capitão para baixo, os que achou mais capazes, mas não os que desejava. Pois os recrutados eram próprios para a atividade de vaqueiros. E acrescentava:

“Neste sertão (não há preconceito racial), pois é costume antigo de se dar o mesmo valor aos brancos, mulatos e negros. E todos se tratam com igualdade, sendo rara a pessoa que não respeite este sistema de igualdade racial. Assim, aqui no Piauí, não se pode organizar companhias de brancos separados da companhia de pretos e mulatos”.

A criação de vilas no Piauí deu mais trabalho. Em Carta Régia de 17 de junho de 1761, João Pereira Caldas teve ordem de criar vilas de imediato no Piauí.

Foi criada uma Companhia de Dragões para escolta da Comitiva do Governo com 200 cavalos requisitados para a condução dos integrantes da Comitiva e suas bagagens. Levavam de tudo, pois atravessavam regiões carentes e habitadas por índios hostis.

O Governador mudou o nome da capital de Mocha para Oeiras em homenagem ao Marquês de Pombal e Conde de Oeiras e a Província de São José do Piauí em homenagem ao rei de Portugal, D. José.

Em 1762 o Governador atingiu Parnaguá que foi erigida Vila Nossa Senhora do Livramento de Parnaguá.

Antes organizara em Parnaçuá um Batalhão para impressionar o povo que ali ocorreu.

O Batalhão fora organizado com homens de 12 a 70 anos, recrutados num raio de dezenas de quilômetros. Eles se apresentavam a pé e a cavalo sem nenhum preparo militar, sem farda e armamento, transformados em soldados por ato do Governador. E foram estendidos em linha defronte ao local onde se hospedara o Governador.

Esta cena foi repetida em todas as povoações por onde o Governador passava. O primitivo Arraial dos Ávilas foi elevado à vila em 22 de junho de 1761 com o nome de Jurumenha.

Em 8 de agosto de 1761 se fez presente em Santo Antonio de Surubim na bacia do Longa a qual ele elevou a vila de Campo Maior.

Em 18 de agosto instalou a vila de São João da Parnaíba, distante uma légua da atual Parnaíba.

De retorno da Parnaíba para Oeiras, o Governador passou por Campo Maior.

E em 13 de setembro erigiu a Vila de Marvão do Piauí e em 20 de setembro a Vila de Valença do Piauí, onde supunha que havia sido o Arraial dos Paulistas que foram os primeiros a se estabelecerem naquele sertão.

Em 24 de setembro está de volta a Oeiras que erigiu em cidade e capital da Capitania do Piauí.

A população destes locais ao serem erigidas em cidade como Oeiras e vilas era de 11.910 habitantes enquadrando livres e escravos naquela época. Oeiras 3.615 habitantes, Parnaíba 2.335 habitantes, Campo Maior 1.867 habitantes, Valença 1485 habitantes, Marvão 1059 habitantes, Parnaçuá 902 habitantes e Jurumenha 902 habitantes.

O ambiente que o Governador descreveu pouco se alterou nos próximos 62 anos até a Independência, a não ser o aumento da população, a abolição da escravatura indígena decretada em 1750, mas ainda vigorantes em locais da Amazônia, Maranhão e Piauí.

O General José Pereira Caldas fora nomeado para o Piauí com a missão de restituir a liberdade aos índios escravizados

em desrespeito a Abolição da escravidão indígena, decretada em 1750.

E no Piauí ele executou tarefas semelhantes a do Capitão General Francisco Xavier Mendonça Furtado de quem fora Ajudante- de- Ordens na Amazônia.

Autoridade que consolidou a conquista da Amazônia, o que abordamos em nosso livro **Amazônia Brasileira – Conquista, Consolidação e Manutenção 1616-2004 – História Militar Terrestre da Amazônia**. Porto Alegre: AHIMTB/Gênesis, 2004.

Sua obra no Governo da Amazônia resultou na consolidação da conquista da Amazônia, ao demarcar a nossa fronteira com a Espanha pelo Tratado de Madrid de 1750 e nesta tarefa contendo a ação dos jesuítas e submetendo a Portugal os índios por ele liderados.

Reação a atuação dos jesuítas que lideraram no Rio Grande do Sul a Guerra Guaranítica 1752/1756 contra a demarcação dos Sete Povos das Missões e evacuação dos índios que os habitavam para a margem esquerda do rio Uruguai.

Reação que resultou na expulsão dos jesuítas do Brasil e América do Sul espanhola por Portugal e Espanha.

Ao chegar ao Piauí o General João Pereira Caldas trazia valiosa experiência da Amazônia na condição de Ajudante-de-Ordens do Capitão General Francisco Xavier Mendonça Furtado que governou o Grão Pará e Maranhão de 1751/1758. E para se ter uma idéia do que realizou no Piauí pode ser deduzido da ação de Mendonça Furtado, hoje como ato de justiça na voz da História, patrono da Região Militar com jurisdição sobre o Amazonas. Honraria semelhante que talvez um dia o General Pereira Caldas possa merecer no Piauí.

Passemos ao Piauí cerca de 60 anos mais tarde, agora sobre o Governo Militar do Major Fidié abordando Antecedentes da Guerra da Independência do Piauí.

Antecedentes da Independência no Piauí

Em 7 de setembro de 1922, as margens do arroio Ipiran-

ga, em São Paulo, o Príncipe D. Pedro proclamou a Independência do Brasil de Portugal, depois de uma crise em sua Regência entre brasileiros e portugueses, tendo como consequência algumas províncias se declararem obedientes às Cortes de Lisboa e não aceitando a autoridade do Príncipe D. Pedro. Foi o caso do Piauí.

A reação á ocupação da Bahia pelo Brigadeiro Luiz Madeira de Mello teve início em Cachoeira, em 25 de junho de 1922, culminando com a expulsão de Madeira de Mello e suas tropas da Bahia, em 2 de julho de 1824.

Enquanto na Bahia se travava a Guerra da Independência, no Piauí estava em curso a reação contra o Governador das Armas do Piauí o português Major João José da Cunha Fidié “oficial de elite, culto e poliglota, com experiência operacional na Guerra contra Napoleão e contra o General Junot na Península Ibérica”. Fidié era oficial de grande bravura profissional, cujo perfil militar analisaremos mais adiante pela primeira vez, para avaliar-se e se valorizar o grande esforço patriota em Jenipapo, realizado por soldados de circunstância improvisados.

O Grito de reação no Piauí e a reação de Fidié

O brado de revolta contra a dominação portuguesa do Piauí foi em Parnaíba por iniciativa do Coronel Simplício Dias da Silva, considerado o precursor da Independência do Piauí.

Com sua base em Oeiras, capital do Piauí, o seu Comandante das Armas, Major Fidié, cobrindo uma distância de cerca de 660 km, Oeiras-Parnaíba, deslocou-se em marcha forçada até seu objetivo.

O Coronel Simplício, surpreendido com a rapidez da marcha do Major Fidié, viajou para o Ceará em busca de auxílio junto com outros patriotas. Mas estrategicamente atraiu Fidié para Parnaíba, facilitando a conquista patriota de Oeiras, de grande relevância econômica para todo o Nordeste por sua produção pecuária.

Seus bens em Parnaíba foram confiscados e sua família

foi aprisionada e recolhida ao brigue português D. Miguel que viera do Maranhão com reforços.

E a revolução patriota se alastrou pelo interior do Piauí e Ceará e por fim ao Maranhão. E de todas as partes, patriotas mostravam o desejo de lutar pela Independência.

Resolvido o problema em Parnaíba, Fidié empreendeu marcha forçada de retorno a Oeiras onde os patriotas em Jenipapo não permitiriam que ele chegasse em seu objetivo estratégico, Oeiras.

A chegada de Fidié em Oeiras em 28 de Agosto de 1822

O Major Fidié chegara a Oeiras em 8 de agosto de 1822, um mês antes da Proclamação da Independência pelo Príncipe D. Pedro.

Em Campo Maior, Lourenço Araújo Barbosa liderava a campanha pró-independência, o que provocou o envio para esta cidade por Fidié do Destacamento de Marvão para o manter informado.

No Ceará foi declarado D. Pedro, Protetor e Defensor Perpetuo do Brasil.

Em 19 de outubro de 1822 a Câmara de Parnaíba havia comemorado festivamente a Independência do Brasil.

Em 13 de novembro de 1822 a Junta de Governo em Oeiras decidiu debelar a rebelião em Parnaíba.

O Major Fidié partiu neste dia para Parnaíba, depois de requisitar armas e pólvora e com toda a tropa de Milícias, deixando na capital em Oeiras um capitão e um alferes. Enfim, desamparada!

A marcha forçada de Fidié de Oeiras a Parnaíba

Sua marcha forçada através do sertão seco e sob sol abrasador foi muito penosa. Seus soldados assaltaram, em caminho, algumas fazendas em busca de gado para se alimentarem e por todos os recantos buscaram água que era muito escassa.

Depois de sofridos 12 dias de marcha forçada atingiram um oásis representado pela larga planície de Campo Maior com seus carnaubais se estendendo por enorme faixa a perder de vista.

Ele foi obrigado a recuperar o desgaste de sua força em Campo Maior onde permaneceu cerca de 12 dias.

A notícia da presença de Fidié em Campo Maior e da vinda do Maranhão do brigue português D. Miguel, obrigou os patriotas de Parnaíba a buscarem refúgio na serra de Ibiapaba.

Dois dias depois chegava a Parnaíba o brigue Infante D. Miguel ao comando do Capitão Tenente Francisco Salina Freire e, que subindo o rio Parnaíba, fundeou em Iguaraçu onde desembarcou 25 soldados e marinheiros em reforço a guarnição militar de Parnaíba.

E em 12 de dezembro de 1822, Fidié com sua Tropa de Milícias de Infantaria, Cavalaria e Artilharia atingiu Piraruruca.

Em 18 de dezembro de 1822, o Major Fidié, Comandante das Armas do Piauí chegou a Parnaíba depois de 1 mês e 5 dias de haver deixado Oeiras, distante 660 quilômetros da Parnaíba, com uma etapa elevada diária de marcha de cerca de 24 km/dia em 23 dias, para cobrir 660 km. Foi rapidíssimo!

Comparo o seu feito militar ao liderado pelo Capitão de Infantaria Lauro Castro Amorim, hoje residente em Resende, e de Salvador a Brasília, com a finalidade simbólica de união do passado com o presente, ligando o marco da fundação de Salvador, primeira capital do Brasil, a Brasília, capital do futuro.

Seu destacamento fez marcha a pé de Cariranha a Brasília percorrendo 685 km em 25 dias, trajeto próximo da distância Oeiras - Parnaíba.

Marcha precedida com informações detalhadas sobre o estado das estradas e pontes do trajeto e condições de abastecimento de água, carne, verduras, etc.

O Destacamento do Capitão Amorim foi constituído de voluntários do Exército e da Polícia Militar da Bahia que foram antes submetidos à rigorosa inspeção de saúde e árduo treinamento, corridas de até 5.000 metros e marchas de até 37 km.

Treinamento de marcha que totalizou 278 km sob as mais variadas condições de terreno em asfalto, terra, areia, e de horário, de madrugada, de manhã, à tarde e a noite e de tempo, de dia com sol, ou chuva ou nublado e temperatura, de calor intenso e de frio. Receberam vacinas anti febre amarela e tétano. Não levaram canhões.

A marcha teve início em Caririnha, às 7:00 horas do dia 22, apoiado por duas viaturas transportando o essencial, o material de acampamento, cozinha e gêneros para 8 dias. O Destacamento marchou com seu uniforme de campanha, armamento e sem capacete de aço.

A marcha foi executada numa média de 30 km por dia. Iniciava as 4:00 horas e terminava por volta das 11:00 horas.

Ao final de cada marcha encontrava o seu acampamento montado e a cozinha funcionando. As etapas de marcha variavam de 26 a 47 km, cujo limite era determinado em função da existência de água próxima ao acampamento.

Todos os integrantes chegaram ao destino. Relatório médico registrou 60 casos de gripe, 102 diarreias, 10 desintérias, 1 pneumonia, 1 gastrite, 12 picadas de insetos, 10 rachaduras de lábio pelo frio e 2 quebras de mandíbulas.

No dia 21 de abril o Destacamento Amorim, constituído de 60 homens desfilou por último encerrando o desfile e com o seu uniforme de marcha.

Defronte o Palanque Presidencial o Destacamento fez alto e o Capitão Amorim entregou a mensagem ao Comandante da 6ª Região Militar, General Freitas que a leu para a assistência e a entregou ao Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Esta marcha feita nas condições ideais, sem a tensão de guerra, com todo apoio logístico disponível, precedido de boa preparação resultou numa marcha forçada de 685 km feita em 29 dias numa média de cerca de 24 km/dia. (Será publicada pela Revista do Instituto Histórico do Distrito Federal e está disponível em Artigos no site da AHIMTB www.ahimtb.org.br).

A marcha forçada de Fidié de Oeiras-Parnaíba percorreu cerca de 680 a 700 km de marcha, numa média de 27 km/dia,

durante 23 dias de marcha efetiva para cobrir a distância Oeiras- Parnaíba. Marcha sem preparo prévio, sem apoio logístico, recorrendo a recursos locais como bovinos requisitados dos fazendeiros em caminho e água escassa em razão da seca, levando 11 canhões e munições e vivendo as tensões de possíveis surpresas.

Em realidade foi um grande sucesso militar nas difíceis circunstâncias, o que é ressaltado para valorizar o esforço dos patriotas ao enfrentar um valoroso soldado, que ao final da Guerra Peninsular enfrentou com o seu Regimento uma penosa marcha de 3 meses para retornar a Portugal.

Atuação de Fidié em Parnaíba

Fidié foi até o Senado da Câmara de Parnaíba e exigiu que o povo da Parnaíba renovasse o juramento de fidelidade a Portugal e que em decorrência fosse celebrado um Te Deum.

As autoridades portuguesas antes de sua chegada já haviam sido reempossadas pela guarnição de brigadeiro São Miguel.

E Fidié permaneceu dois meses em Parnaíba ordenando diversas providências.

Pediu permissão superior para de Parnaíba marchar para o Ceará e dali depois de dominado o Ceará deslocar-se para a Bahia, procurando operar junção com as tropas do Brigadeiro Madeira de Mello. Pediu permissão para enviar dois dos seus batalhões ao Ceará, mas a Junta de Governo do Piauí negou seu pedido em razão da situação no Piauí se agravar a cada dia.

Os acontecimentos em Oeiras na ausência de Fidié

Em Oeiras, em 29 de dezembro de 1822, a Junta de Governo se reuniu e ordenou ao comandante da Guarnição Tenente Coronel Souza Martins que ficasse em condições de fazer face a qualquer emergência depois de reforçado o seu equipamento com armamentos chegados em Oeiras.

No início de 1823 o padre Dr. José Joaquim Monteiro de Carvalho Oliveira informou a Junta de Governo sobre uma conspiração patriota em Oeiras. A Junta de Governo determinou prisões dos patriotas apontados pelo padre, um exaltado partidário de D. João VI.

Só foi apanhado José de Souza Coelho de Faria e os patriotas receberam a informação de que a Cavalaria de Fidié havia sido mandada para Oeiras. Estas medidas dos portugueses agravaram o ânimo da revolta patriota em Oeiras, aumentado, com a chegada do emissário do General Labatut, comandante da reação militar patriota na Bahia, concitando o Piauí a aderir à causa da Independência.

O Presidente da Junta em Oeiras respondeu a Labatut que se manteria fiel a Coroa e pediu, em 14 de janeiro de 1823, a presença em Oeiras do Major Fidié, para defendê-la, em razão de sua importância política e econômica (pecuária) e a existência ali dos cofres do erário da Província.

O movimento patriota se estendeu a Marvão (Castelo do Piauí) e a Crateús, o que faltava para a expansão dos sentimentos de Independência até então reprimidos.

Em Oeiras, em 23 de janeiro de 1823, o Brigadeiro Manoel de Souza Martins, mais tarde Visconde de Parnaíba, reuniu em sua residência oficiais e civis de sua confiança. Distribuiu missões a todos e, pela madrugada, Oeiras passou para as mãos dos patriotas.

Em 24 de janeiro de 1823, foi proclamada a Independência em Oeiras e foi eleita uma Junta de Governo patriota sob a presidência do Brigadeiro Souza Martins.

Determinou o Brigadeiro Souza Martins que a Independência fosse proclamada em Valença, Campo Maior, Parnaíba, Jurumenha e Parnaguá.

E comunicou ao Maranhão a adesão do Piauí a Independência, pedindo sua neutralidade, pois a Junta de Governo do Maranhão era fiel a Portugal.

A Junta Patriota de Governo do Piauí tinha que resolver três grandes problemas militares:

1º - A vizinhança do Maranhão com Junta do Governo fiel

a Portugal.

2º - A presença do Major Fidié em Parnaíba.

3º - O reduzido efetivo militar de que dispunha.

Para enfrentar o problema, o de possuir pequeno efetivo, contava com o patriotismo dos piauienses e nos prometidos reforços a serem enviados do Ceará.

Para fazer face à possível intervenção da Junta de Governo do Maranhão, determinou que seus pequenos efetivos cerrassem sobre o corte do rio Parnaíba, fronteira com o Maranhão.

Mas não teve, ao que parece, a visão do maior perigo para a causa patriota, a presença no Piauí da tropa de Milícias de Portugal ao comando do competente Major Fidié.

Do Ceará chegou a Marvão (Castelo do Piauí) um contingente de cearenses ao comando do Alferes Miliciano Manuel Abranches Paes.

Leonardo de Carvalho Castelo Branco, ao escapar de Parnaíba, conseguiu em Granja e Sobral o apoio de 200 homens, repartidos em duas divisões. A Divisão do Norte comandada pelo Capitão José Francisco de Souza que surgiu em Piracuruca em 22 de janeiro de 1823 e proclamou a sua independência.

A outra Divisão do Sul, ao comando do Capitão Luis Rodrigues Chaves, investiu sobre Campo Maior e a ocupou sem resistência, colocando em debandada os seus defensores ali deixados por Fidié.

E em 12 de fevereiro de 1823 a Divisão do Sul proclamou a Independência de Campo Maior que desde o dia 2 de fevereiro de 1823 havia aclamado D. Pedro I como o novo Imperador do Brasil.

Leonardo Castelo Branco não permaneceu em Piracuruca e Campo Maior. Prosseguiu para a fazenda Melancias, de onde pretendia atravessar o rio Parnaíba para proclamar a Independência do Maranhão.

Foi feito prisioneiro ao desembarcar no Maranhão, no porto de Repartição e posto a ferros e enviado para São Luiz, onde foi julgado e enviado preso para Lisboa e somente libertado em 26 de setembro de 1823.

Foi uma grande perda para a causa patriota. O sintetizamos em Leonardo Castelo Branco neste trabalho em local próprio.

Em Campo Maior e Piracuruca e nos sertões reinava a anarquia e o saque, e sem meios para a repressão da desordem.

O Brigadeiro Souza Martins dispersava seus parcos meios reforçando contingentes no corte do rio Parnaíba, em cobertura a ações partidas do Maranhão.

A marcha de Fidié de Parnaíba até Jenipapo

Em 1º de março de 1823, o Major Fidié com sua tropa bem armada, informada e reforçada decidiu marchar para Oeiras para lá restabelecer o poder de Portugal. Recebera reforços de soldados do brigade D. Miguel e da Guarnição do Maranhão em Carnaubearas.

Forte de 1.100 homens milicianos de Infantaria, Cavalaria e Artilharia, e com 11 canhões e reforçado, deixou Parnaíba.

Adotou rígidas medidas de segurança de marcha e se dirigiu a Piracuruca que julgava defendida pela Divisão do Norte do Ceará ao comando do Capitão José Francisco de Souza.

Em 10 de março de 1823, na Lagoa de Jacaré, próximo a Piracuruca, escaramuçou com um pequeno contingente.

E entrou em Piracuruca sem resistência, pois a encontrou abandonada.

O Capitão José Francisco de Souza, não tendo recebido reforços para a sua Divisão do Norte, desistiu de oferecer resistência e se retirou para o Ceará.

E ali Fidié completara 10 dias de marcha. Permaneceu menos de um dia em Piracuruca e retomou sua marcha forçada para Campo Maior, onde informes de que dispunha enfrentaria uma força voluntária reduzida, mobilizada às pressas e armada com seus instrumentos de trabalho no campo, facas, facões, foices etc e com as suas armas de caça de carregar pela boca e, os seus integrantes, gente do povo, sem nenhuma experiência militar, mas dispostos a morrer pela causa da Independência.

Era crítica a situação militar de Campo Maior, mas mesmo assim o Capitão Luiz Rodrigues Chaves, comandante da Divisão do Sul, vindo do Ceará, decidiu fazer frente a Fidié e impedir a abertura da via de acesso de Fidié a Oeiras, seu objetivo estratégico.

Convocou os patriotas da vila de Campo Maior e do campo, os agricultores e destemidos vaqueiros, homens sem disciplina e instrução militar, mas dispostos a morrer pela causa.

Chamou de Estanhado (atual União) o pernambucano, segundo Monsenhor Chaves, Capitão João da Costa Alecrim que ali mobilizava maranhenses e meios para ajudar a causa do Piauí.

No dia 12 de fevereiro de 1823, às 24 horas, chegava ao Maranhão com 80 voluntários o baiano Salvador Cardoso de Oliveira e seu irmão Pedro para se dedicarem a causa da Independência do Brasil. E às 16 horas rumaram para Campo Maior, sem descanso, lá chegando ao alvorecer do dia 13 de fevereiro de 1823.

E no mesmo dia ali chegou o Capitão Alexandre Nery Pereira Nereu, com outro grupo de patriotas do Ceará.

A concentração Patriota em Campo Maior

Em frente à Igreja Santo Antônio reuniu-se um grupo bastante heterogêneo de cerca de 2.000 patriotas para enfrentar os disciplinados profissionais milicianos sob o comando do competente e experimentado Major Fidié.

O Capitão Luiz Rodrigues Chaves, vindo do Ceará, procurou coordenar a ação daquele grupo militar improvisado, como comandante geral, o que concluímos, salvo melhor juízo.

E marcharam para as margens do rio Jenipapo, vazio em razão da seca, onde bem disfarçados guardavam as duas saídas abertas no meio de carnaubais que ali desembocavam na margem oposta.

Ali projetaram atacar a força de Major Fidié de surpresa. Mas este, prevenindo-se contra uma surpresa, marchou em segurança com o forte ou grosso de sua tropa pela estrada a

direita de sua direção de marcha, cobrindo-se a sua esquerda, ao longo da estrada do Norte, com sua Cavalaria um pouco a frente do grosso. Este composto de Infantaria, Artilharia e Trem (bagagens).

Os patriotas integrando uma tropa irregular, sem disciplina e experiência militar, pretendiam surpreender Fidié e evitar um desvantajoso combate de encontro.

Leonardo de Carvalho Castelo Branco 1788-1873

Este é integrante da genealogia dos Castelo Branco a qual pertence o Marechal Humberto Castello Branco, que foi o Oficial de Operações da Força Expedicionária Brasileira e Presidente da República.

Com apoio na obra do grande historiador piauiense Monsenhor Chaves, ele não participou do combate de Jenipapo.

Sintetizando o Monsenhor Chaves, Leonardo nasceu em 1788 em Tabocas, numa fazenda de gado na margem esquerda do rio Longa em distrito então pertencente a Parnaíba.

Fez seus estudos em casa, por sua iniciativa, auxiliado pelo pai, tornando-se homem com muito boa cultura no meio em que vivia. Sua família era importante.

Era eleitor em Parnaíba, tendo concorrido para deputado às Cortes de Lisboa sem conseguir os votos suficientes.

Foi dos primeiros em Parnaíba a aderir ao movimento de Independência.

Arrebatado pela idéia da Independência deixou sua fazenda e família e foi para Parnaíba com disposição para lutar por ela para o que desse e viesse.

Este movimento na Parnaíba era de idéias e a Proclamação da Independência na Parnaíba não tinha meios militares a sustentá-la.

A aproximação de Fidié de Parnaíba o movimento esvaziou como um balão furado na expressão do Monsenhor Chaves. Ele e outros líderes abandonaram Parnaíba. Ele se dirigiu a Sobral no Ceará onde convenceu um grupo de cearenses a invadir o Piauí sob sua liderança para libertá-lo de jugo português.

Organizou uma Força Expedicionária composta de duas frações que ele denominou 1ª e 2ª Divisões.

Ele assumiu o comando da 1ª Divisão e com ela invadiu o Piauí no dia 22 de janeiro de 1823, decorridos 4 meses e meio do Grito do Ipiranga de Independência ou Morte em São Paulo.

E entrou em Piracuruca, surpreendeu e aprisionou a guarnição ali deixada por Fidié.

Dois dias depois, em 24 de janeiro de 1823, ele redigiu uma Proclamação aos piauienses e maranhenses os exortando a apoiarem a Independência.

De Piracuruca marchou para Campo Maior que já encontrou rebelada, no dia 1º de fevereiro de 1823.

No dia 6 de fevereiro enviou correspondência à Câmara Municipal e Comando Militar de Caxias no Maranhão conclamando-os a aderirem a causa brasileira de Independência de Portugal.

A seguir deixou Campo Maior e foi estabelecer seu quartel na Fazenda Melancias, a margem do rio Parnaíba, defronte a Repartição, no Maranhão.

Ali caiu numa armadilha quando distribuía sua proclamação ao povo maranhense de Repartição. Foi preso e confinado na Fortaleza de Santo Antônio da Barra, enquanto era processado. Dali foi enviado preso para Portugal a bordo do brigue Sociedade Feliz, sendo em Lisboa recolhido a cadeia de Limoeiro.

Quando do combate de Jenipapo em 23 de março de 1823 ele se encontrava preso em São Luiz. Esta foi a sua participação efetiva no movimento de Independência.

Foi preso em 6 de junho de 1823 e libertado em 22 de julho de 1823 por acordo da Relação de Lisboa.

Retornou ao Brasil para o Recife e dali seguiu para a Bahia onde conheceu a rendição e prisão de Fidié.

Em 1824 retornou ao Piauí e sentindo-se injustiçado pelo Governo do Brasil por não haver reconhecido a sua contribuição a Independência, aderiu a Confederação do Equador favorável a República e foi preso e enviado para Oeiras e de lá para São Luiz onde foi libertado.

Nesta ocasião ele já havia mudado o seu nome para Leo-

nardo de Nossa Senhora das Dores Castelo Branco.

Desiludido com a política decidiu dedicar-se a ciência no campo da Mecânica.

Inteligente e autodidata, mas sem base intelectual, foi procurar apoio em Lisboa onde permaneceu por cerca de 27 anos, retornando ao Brasil em 1850.

No Brasil, segundo Monsenhor Chaves, ele persistiu obsessivamente em descobrir o moto contínuo. No Rio ele recebeu apoio para a sua idéia. E no Arsenal da Marinha ele recebeu os meios necessários para a construção de sua máquina de moto contínuo.

Mas nada deu certo! Tudo fracasso! E neste trabalho faleceu na maior penúria com 85 anos em 12 de julho de 1873, segundo Monsenhor Chaves.

Deixou as seguintes obras: A criação Universal, poema, O Santíssimo Milagre, canção, Astronomia e Mecânica Leonardina, que não foi publicada e volumosa com 2.422 números em que abordou com visão bíblica os mais graves problemas geográficos e astronômicos.

Sua memória como patriota que lutou e muito sofreu em prol da Independência no Brasil não reconhecida na época pelo Governo do Brasil Independente hoje foi reconhecida pelo Piauí e traduzida por pedestal com o seu busto junto ao Monumento de Jenipapo e denominação histórica do 25º BC.

Acreditamos que sua vida e obra precisam ser aprofundada por especialistas, a estudarem a sua volumosa **Astronomia e Mecânica Leonardina**, levando em consideração haver sido escrita por um homem nascido e criado longe dos centros científicos do Brasil e do exterior e alimentar sonhos como o moto contínuo. E estas indicações do Monsenhor Marques impõem-se sejam alargadas e vistas por especialistas piauienses com vidro de aumento. Temos a impressão que elas contém algo de apreciável valor.

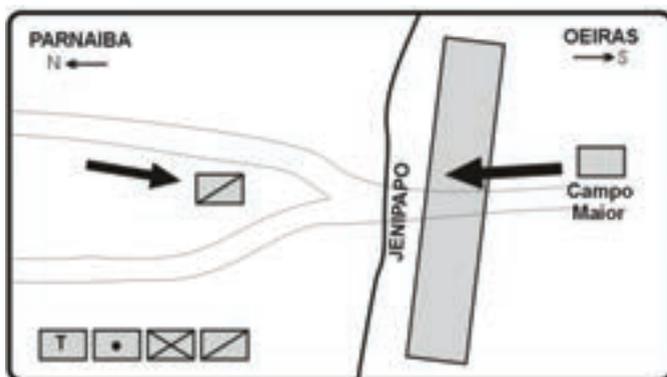
O Combate de Jenipapo - desenvolvimento

Convenção: Os patriotas maranhenses, piauienses e cea-

renses são representados por um retângulo tendo inscrito no interior P. As tropas de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Bagagens obedecem simbologia própria. Infantaria uma linha inclinada, Cavalaria, duas linhas cruzadas. Artilharia uma bolinha preta no centro e bagagens ou Trem de Guerra por um T no centro.

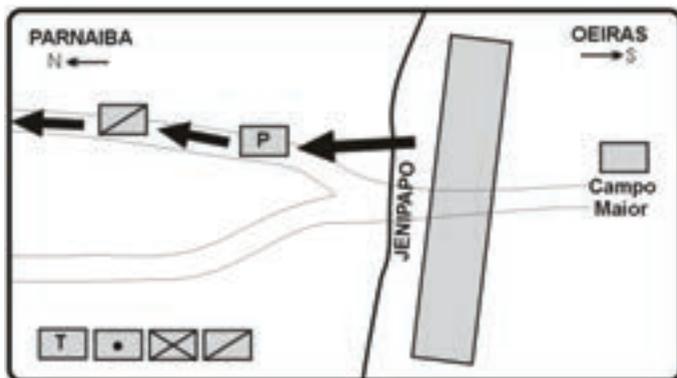
1º Tempo

Deslocamento dos cerca de 2.000 patriotas de Campo Maior para ocupar posição defensiva no corte do rio Jenipapo então seco, enquanto o Major Fidié se aproxima do rio Jenipapo com o grosso de sua força de Cavalaria, Infantaria Artilharia e Bagagens (Trens ou Impedimenta) pela estrada da direita, enviando pela estrada da esquerda, como Vanguarda e Cobertura de seu flanco esquerdo, uma força a base de Cavalaria.



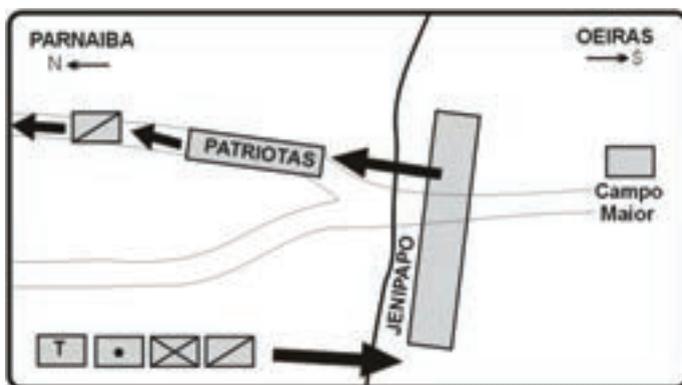
2º Tempo

Os patriotas descobrindo a Vanguarda de Fidié progredindo pela estrada da esquerda, destacam da sua posição uma força para a atacar. E esta Vanguarda de Fidié parte em retirada, trocando tiros com a força mandada em seu encalço. Fidié toma conhecimento do tiroteio e inicia o avanço para o corte do Jenipapo.



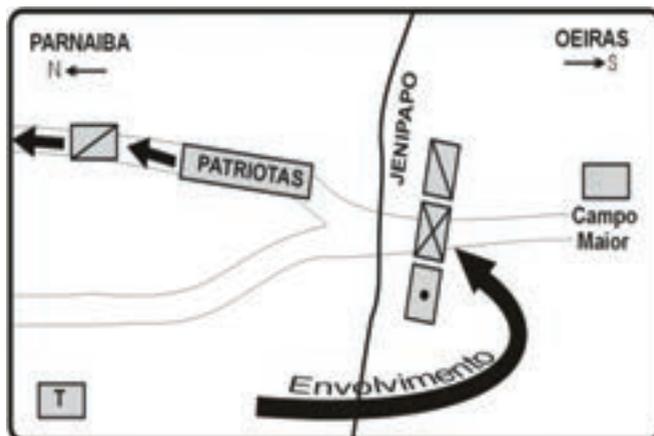
3º Tempo

Os patriotas julgando que a Vanguarda de Fidié era toda a sua força em retirada, deixam desordenadamente a sua posição defensiva no corte do Jenipapo e partem todos em sua perseguição ao longo da estrada da esquerda. E Fidié avança sobre o Jenipapo deixando a retaguarda as suas bagagens ou trem de guerra.



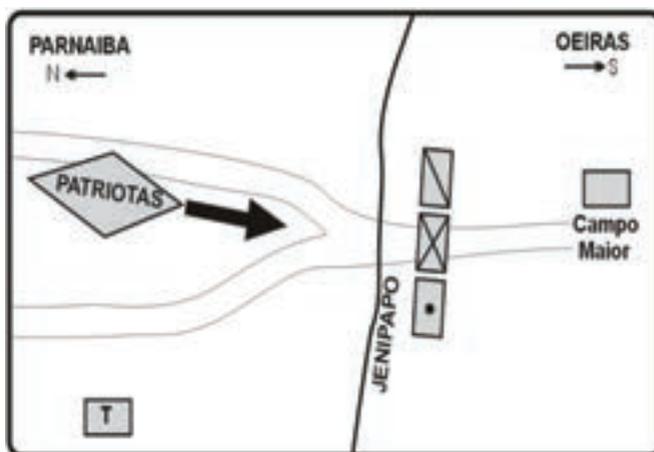
4º Tempo

Fidié percebendo abandonada a posição patriota inicial do outro lado do Jenipapo realiza o envolvimento sem resistência desta posição onde se fortifica e toma posição defensiva apoiada por seus 11 pequenos canhões



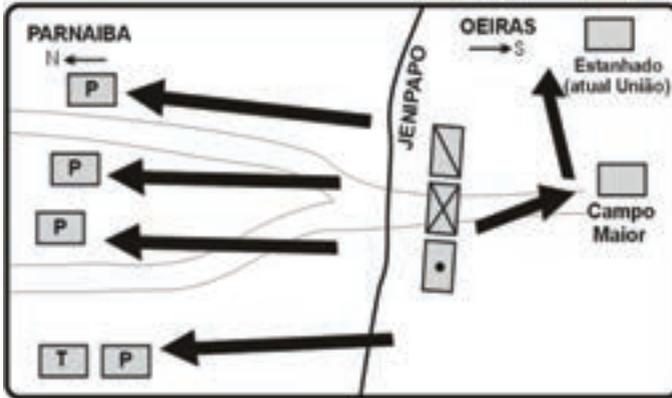
5º Tempo

Os patriotas improvisados soldados de circunstância ao retornarem para a sua posição inicial, surpresos, constataam que sua posição inicial estava ocupada por Fidié. Se reagrupam e partem para o ataque feroz que se estende por longas horas, com perdas significativas para os dois lados. E então muitos patriotas lutando bravamente tombam em combate desigual contra uma posição fortificada e guarnecida por 11 canhões. Combate feroz em que os patriotas tentam uma penetração e duplo desbordamento da posição de Fidié sem sucesso.



6º Tempo

Os patriotas continuam atacando ferozmente e frontalmente a posição de Fidié tentando envolvê-la e penetrá-la sem o conseguir. E tem lugar neste momento pesadas perdas para ambos os contendores. Mas os 11 canhões de Fidié tornaram impossível a vitória patriota.



7º Tempo

Com pesadas perdas os patriotas e Fidié se retiraram do local do combate. Fidié avançou para próximo de Campo Maior onde se refez e se reorganizou e desistiu de prosseguir na reconquista de Oeiras. Marchou para Estanhado, (atual União), onde tentou receber socorro da Junta de Maranhão, favorável a Portugal. Os patriotas na retirada, um de seus grupos encontra as Bagagens de Fidié e a saqueia o privando de dispor de itens logísticos essenciais (armas, munições, dinheiro etc).

• • •

Armamento individual usado na época

Armas de fogo: A Infantaria usava carabina modelo 1822, de carregar pela boca, 18 mm de calibre e 1.032 mm de comprimento, descontada a baioneta usada em ações de choque, principalmente quando assediada nos quadrados por ela formados, pela Cavalaria.

Seu acionamento era consequência do impacto do cão de sílex (pedra de fogo) contra uma peça de ferro (caçoleta). Disto resultava uma faísca que incendiava a pólvora (do ouvido) do orifício que se comunicava por sua vez com a câmara de detonação. A pólvora era acondicionada em cartuchos para facilitar o carregamento e proteger a pólvora da umidade.

O projétil era esférico de chumbo moldado, inclusive em campanha.

A Cavalaria usava clavina modelo 1822 do mesmo sistema. Esta arma era usada pelos chefes ao lado da espada.

O alcance da carabina e da clavina era de 250 a 300 metros. O pistolão era para o tiro à queima roupa. Todos os três tinham baixa velocidade de tiro.

O carregamento das três era feito da seguinte forma: o cartucho com pólvora e projétil era aberto com os dentes. Parte da pólvora era colocada no fogão e coberto com a caçoleta. A sobra do cartucho era colocada no cano com o cartucho rompido para baixo, com o auxílio da vareta o cartucho (pólvora e projétil) era comprimido. Este cartucho inventado pelo rei Gustavo Adolfo, da Suécia, foi um marco na evolução da Ciência na Guerra.

O vento, a chuva e a umidade tornavam um problema o uso dessas armas.

Armas brancas: era feito largo uso de espadas retas ou curvas e de diversas origens. Ela era portada, em princípio, pelos oficiais de Infantaria e Cavalaria e graduados de Cavalaria. Havia preferência por espadas retas.

Armamentos de Artilharia

Fidié usou 11 canhões e, os patriotas somente um que foi

capturado por Fidié.

Creio que se em Jenipapo, a rigor houve uma derrota patriota, mas o grande esforço ofensivo dos patriotas foi decisivo para a vitória estratégica da Independência do Piauí. Pois em Jenipapo foi decidido o destino do Piauí independente, ao tornar impossível ao Major Fidié reconquistar Oeiras e de lá impedir a consolidação da Independência com o apoio da Junta do Maranhão, fiel a Portugal.

Reunião dos patriotas que lutaram em Jenipapo

Salvador Cardoso Correia reuniu alguns patriotas e se dirigiu para Campo Maior que estava abandonada e seguiu adiante.

Em 20 de março de 1823 encontrou muitos patriotas em retirada na Fazenda São Pedro e onde acampara o Governador da Junta Patriota, o Brigadeiro Joaquim de Sousa Martins que se dirigia para Campo Maior em seu socorro.

Ali avaliaram a próxima reação de Fidié, a de marchar sobre Oeiras. Dai ser importante reunir meios para defendê-la, o que já havia sido feito com sucesso em Jenipapo.

Então, Salvador Cardoso e o Capitão Alecrim voltaram para Campo Maior. Em Alta Longa (atual) encontraram com Pedro Martins que deu notícias do ataque e saque do Trem de Guerra de Fidié.

Concentração patriota em Oeiras

Chegaram em Oeiras no dia 25 de março de 1823 o Tenente Coronel João Araújo Chaves, Salvador Cardoso, Pedro Martins e Capitão Alecrim com suas forças.

Foram despachados contingentes de patriotas para restabelecer a ordem em Campo Maior e para reforçar os postos patriotas no rio Parnaíba. Receberam notícias da chegada do reforço do Ceará e de Pernambuco. A Junta Patriota escreveu ao General Labatut, na Bahia, mostrando-se apreensiva com uma reação portuguesa partida do Maranhão contra Oeiras.

Em Estanhado, Fidié solicitou apoio ao Tenente Coronel Manoel de Souza Pinto Magalhães que comandava os portugueses em Caxias, no Maranhão. Mas este não o atendeu de pronto sob a alegação de ter de enviar tropa para fora do Maranhão.

O Marechal Agostinho Antonio de Faria, chefe militar no Maranhão, concordou com o apoio desde que não colocasse em risco a segurança do Maranhão.

Isto decorria do temor do Comandante das Armas do Maranhão que o movimento de Independência envolvesse o Maranhão, pois este movimento já envolvera o Ceará e o Piauí. E não havia possibilidades de socorro do Rio de Janeiro e do Pará.

A Guerra da Independência do Piauí envolve o Maranhão

Os patriotas piauienses e cearenses invadiram o Maranhão e ocuparam São José dos Matões e proclamaram a Independência.

A cidade de Caxias reagiu sendo sua tropa de linha mandada dar combate ao movimento patriota. O comandante de Caxias deu parte de doente. Sua tropa insubordinou-se e não seguiu para dar combate aos patriotas em São José dos Matões.

Em Estanhado (União) Fidié foi convidado para cerrar sobre Caxias e ali defender a Junta de Governo do Maranhão, defendendo Caxias.

Em abril de 1823, Fidié com sua tropa cerrou sobre Caxias e fortificou-se na elevação denominada Taboca (hoje Alecrim).

E ali ele resistiu durante três meses, cercado por milhares de patriotas maranhenses, piauienses e cearenses comandados pelo chefe sertanejo cearense José Pereira Filgueira que cerrara sobre a cidade de Caxias com forte expedição composta de soldados a pé e a cavalo e valentes vaqueiros que mobilizara.

Em 31 de julho de 1823, Fidié cercado e sem possibilidades de receber apoio logístico e reforços capitulou, após resistência memorável.

No dia seguinte, 1º de agosto de 1823, decorridos cerca de 3 meses e 17 dias do combate de Jenipapo e cerca de 10 meses e 23 dias da proclamação de nossa Independência em 7 de se-

tembro de 1822, pelo Príncipe Regente D. Pedro, às margens do arroio Ipiranga, os patriotas entravam em Caxias consolidando assim a Independência do Maranhão, Piauí e Ceará. E para isto contribuiu decisivamente o combate de Jenipapo, uma derrota tática numa Ação Retardadora de um exército improvisado, mal armado e sem conhecimento da Arte Militar, mas sem dúvida, uma grande vitória estratégica que minou o poder militar do Major Fidié e o impediu em sua ação de retardamento que ele desistisse de rumar para Oeiras e reconquistá-la.

O combate de Jenipapo lembra a derrota militar do Governo na Lapa, onde os federalistas a atacaram, mas a praça resistiu por cerca de 40 dias ao avanço federalista, dando tempo ao Marechal Floriano para organizar a defesa na fronteira Paraná - São Paulo e a chegada da Esquadra Legal no Rio de Janeiro. E assim deve ser entendida a vitória patriota em Jenipapo.

**Brigadeiro Manoel de Sousa Martins 1767-1856
e Visconde da Parnaíba
“ O Príncipe dos Vaqueiros do Piauí”**



**Foto a óleo no Museu do Piauí, enviada a nosso pedido
pelo Capitão PMPI José Wilson Gomes de Assis**

(Texto extraído pelo autor da Proposta bem formulada ao Exército de Denominação Histórica do 3º Batalhão de Engenharia de Construção de Brigadeiro Manoel José, alguns complementos do autor em parênteses e ao final, para melhor o adaptar ao objetivo do presente trabalho, completando a descrição militar

e política da atuação do Visconde da Parnaíba para livrar a região da ameaça do Major Fidié que abordamos logo a seguir)

O Brigadeiro MANOEL DE SOUSA MARTINS nasceu em 8 de dezembro de 1767 na fazenda Serra Vermelha situada então no município de Oeiras, hoje localizada no município de Paulistana, Centro-Sul do Piauí. Ele era filho legítimo do português das Ilhas do Açores Manoel de Sousa Martins e de Ana Rodrigues de Santana.

Já aos dezesseis anos ficou órfão de pai e, por conta disso, assumiu a responsabilidade de auxiliar a sua mãe na administração da fazenda e na criação de seus irmãos, todos mais novos. Foi vaqueiro hábil e negociante diligente no comércio de gado com a Bahia. Seu amadurecimento foi marcado pela labuta e dedicação às coisas do sertão piauiense.

Ingressou na carreira das armas como soldado (miliciano) raso e logo passou a furriel da 5ª Companhia do Regimento de Cavalaria de Milícias de Oeiras, comandado na época, pelo coronel Luis Carlos Pereira de Abreu Bacelar. O jovem Sousa Martins foi promovido a Alferes em 1804, (aos 23 anos) e rapidamente galgou as mais altas graduações. Em 1812 (aos 31 anos) era coronel agregado, posto em que foi efetivado em 1815. Promovido a brigadeiro, reformou-se aos 53 anos de idade a pedido, e sem soldo, em 1820.

O Brigadeiro Manuel de Sousa Martins - Visconde da Parnaíba - no transcorrer de sua brilhante passagem pela carreira militar foi agraciado com as honrarias reais ou imperiais: Hábito de Cristo (1811); em seguida, foi designado Cavaleiro (1814) e, ao deixar à ativa nas Milícias, como Comendador (1830) dessa mesma ordem; Oficial da Imperial Ordem do Cruzeiro (1823); no ano seguinte foi elevado à dignitário.

Ele fora substituído no comando das armas do Piauí pelo tenente-coronel Joaquim de Souza Martins, seu irmão. Porém o insigne brigadeiro (posto correspondente hoje ao de General de Brigada) não ficou muito tempo longe das altas posições administrativas. A 24 de janeiro de 1823 proclamava ele mesmo, (um mês antes do combate de Jenipapo) apoiado pelo citado

irmão, a adesão do Piauí à independência do Brasil e fidelidade a Dom Pedro I. Tornou-se, assim, presidente da pentarquia então improvisada na província. Vale lembrar a marcante e sangrenta batalha do Jenipapo (combate segundo meu ponto de vista como historiador militar) que se deu às margens do riacho do mesmo nome no município de Campo Maior, em 13 de março de 1823. Esse embate foi fruto da tentativa precipitada de independência na vila litorânea de Parnaíba em 19 de outubro de 1822. Foi nessa batalha que os piauienses (maranhenses e cearenses) lutando, sofrendo e morrendo, decretaram e selaram definitivamente a derrota (estratégica das armas comandadas pelo major português Fidié e (que foi impedido de retomar Oeiras) e das ambições portuguesas em relação ao Norte do Brasil. Esse fato incitou os ânimos piauienses contra os portugueses e foi um fator capital para a decisão de Sousa Martins em favor de Dom Pedro I.

“É necessário lembrar que no sul a Independência foi aplauso e festa. No norte, fome e sangue. A batalha do Jenipapo decidiu a unidade brasileira (COSTA, 1974, p 361).

Tendo o Coronel (de Milícias) Simplício Dias da Silva, primeiro presidente nomeado por D. Pedro I, adiado indefinidamente a sua posse, sua nomeação foi considerada caduca. E Manoel de Sousa Martins continuou à frente da administração, primeiro como presidente de província temporário, eleito a 19 de setembro de 1824, e depois como presidente nomeado por Carta Imperial de 1º de dezembro do mesmo ano.

No dia 9 de dezembro de 1828, o Brigadeiro Manoel de Sousa Martins, já investido do título de Barão de Parnaíba, passou o exercício da presidência da Província do Piauí ao tenente-coronel Inácio Francisco de Araújo Costa, membro do Conselho Geral da Província.

Voltou à governança fugazmente a 15 de fevereiro de 1829 - para passá-la dois dias depois ao Presidente João José de Guimarães e Silva. Contudo, adoecendo gravemente, Guimarães e Silva transmitiu, doze dias antes de sua morte ocorrida a 19 de fevereiro de 1831, o poder, novamente, ao Barão de Parnaíba.

Em 25 de junho de 1835, o Brigadeiro Manoel de Souza Martins e Barão da Parnaíba, na condição de Presidente da Província do Piauí com a capital em Oeiras, criou a Polícia Militar do Piauí, ao sancionar Resolução aprovada pela Assembléia Legislativa da Província do Piauí.

O Barão da Parnaíba governou Piauí, como Conselheiro e depois como Presidente, nomeado por Carta Imperial de 1º de julho de 1832 até 30 de dezembro de 1843. Quando o então, já Visconde da Parnaíba, aos 76 anos de idade, foi sucedido pelo futuro Visconde de Jaguarí José Idelfonso de Sousa Ramos.

O célebre expoente da história do povo piauiense, Brigadeiro Manoel de Sousa Martins - o VISCONDE DA PARNAÍBA - veio a falecer em 20 de fevereiro de 1856, aos 88 anos, sendo sepultado junto ao altar-mor da igreja N.S. da Vitória em Oeiras, primeira capital histórica do Piauí. Morria o homem, nascia o ícone piauiense que legou o seu povo o modelo de homem íntegro, dedicado e perspicaz nas coisas que fazia, leal às suas convicções e fiel às suas origens de nordestino sertanista. Honrou o seu Estado e, acima de tudo, dignificou o sentimento de patriotismo pelo Brasil.

O ilustre Visconde da Parnaíba é considerado herói piauiense e, por conta disso, foi adotado como patrono do Instituto Histórico de Oeiras - A Casa do Brigadeiro Sousa Martins. (Fora eleito sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1839).

Trabalho feito no âmbito do Exército e com a assessoria de distintos historiadores membros da Academia Piauiense de Letras - Instituto Histórico de Oeiras, do qual o herói maior da independência do Brasil, no Piauí, Maranhão e Ceará foi o Brigadeiro já reformado das Milícias do Piauí desde 1820.

Pesquisador: Cel Eng. Ferdinando de Araújo Milanez - Cmt do 3º BEC Cnst - **Orientadores:** Prof. Pedro Ferrer Freitas, do Instituto Histórico de Oeiras; Deputado Estadual Homero Castelo Branco, da Academia Piauiense de Letras; Dr. Dagoberto Carvalho Junior - Historiador da Academia Piauiense de Letras, do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, do Instituto Histórico de Oeiras.

- **Nota do autor:** O Brigadeiro Manoel de Sousa Martins encerrou sua carreira como comandante, por cerca de 8 anos, do Regimento de Milícias de Oeiras. Reformado comandou a partir da reconquista de Oeiras em 1823 as forças que terminaram por obrigar o Major Fidié a render-se em Caxias. Como presidente da Província do Piauí foi o comandante de toda a força de Milícias do Piauí bem como a de Ordenanças. E a partir de 1831, criação da Guarda Nacional que substituiu as Milícias, passou a comandá-la auxiliando com elas a Pacificação da Balaiada no Maranhão, pelo então Cel Luiz Alves de Lima e Silva que nesta luta conquistou o título de Barão de Caxias, originário da heróica cidade de Caxias, onde o Major Fidié rendera-se, consolidando a Independência do Piauí, Maranhão e Ceará. Cidade mais tarde de grande projeção na luta pela Pacificação do Maranhão pelo mais tarde Duque de Caxias, que foi a primeira da série de suas ações pacificadoras das províncias de São Paulo e Minas Gerais em 1842 e a Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul em 1845. Pacificação esta que se projetou com o reencontro da Família Brasileira dividida, durante 13 anos e que eclodiram na Regência. Acreditamos que a atual Polícia Militar do Piauí poderia consagrar como seu patrono o Brigadeiro Manoel de Sousa Martins, pois foi criada quando ele era o Presidente do Piauí e que a comandaria como Presidente da Província por cerca de 8 anos. Isto sem prejuízo de homenagens como a proposta pelo 3º BEC, acima transcrita. No Brasil Colônia, desde a criação da Capitania do Piauí em 1759, pelo General João Pereira Caldas que então criou as tropas de Milícias e Ordenanças do Piauí, que elas atuaram por largo período e até 1831, ano da criação da Guarda Nacional que substituiu as tropas de Milícias e de Ordenanças depois de relevantes serviços ao Piauí. E em especial na época da Independência. O Exército ausente do Piauí, constituía a 1ª Linha e era tropa paga. As Milícias era a 2ª Linha e substituíam o Exército ou o reforçava em operações de guerra. As Ordenanças atuavam a serviço da Fazenda e Justiça, restrita a sua atuação a localidade onde atuava. As Milícias e Ordenanças eram constituídas pela mobilização dos homens livres entre 18 e 60 anos. A elas cabia a missão de defender o Piauí, por serem

forças constituídas de seus filhos. E por isto seus integrantes e descendentes gozavam de prestígio e reconhecimento, tanto maior quando mais elevada fosse a sua posição na hierarquia miliciana. E foram estas Milícias e Ordenanças do Piauí que o Major Fidié comandou como Governador das Armas do Piauí. Existiam no Piauí os Regimentos de Milícias de Oeiras e Parnaíba com organizações variáveis e constituídas de companhias distribuídas por localidades onde elas eram formadas. A Polícia Militar do Piauí foi criada em 1834, podendo ser integrada por oficiais de 1ª linha (Exército) da confiança do Presidente da Província. Em 1918, por extinção da Guarda Nacional, as polícias militares passaram a se constituir em reserva do Exército. Foi a Guarda Nacional, originária das Milícias e Ordenanças, substituída pelas Polícias Militares e oficiais da Reserva R/2 formados pelos CPOR e NPOR e as antigas Ordenanças pelos Tiros de Guerra. O Marques de Caxias comandou na Guerra do Paraguai, filhos do Piauí como expedicionários de dois Batalhões de Voluntários da Pátria. A presença do Exército no Piauí teve início em 1890 depois da Proclamação da República, segundo o Monsenhor Chaves em sua **Obra completa**, com o 35º Batalhão de Caçadores. Unidade que deixou com filhos do Piauí este Estado para participar do Combate a Revolução Federalista de 1893/95 no Paraná e Rio Grande do Sul e depois para combater na Bahia a Guerra de Canudos em 1897. Retornando ao Piauí, terminou sendo transferido em 1900 para São Luis no Maranhão. Uma visão do contexto da atuação do 35º BC no combate a Revolução Federalista e a Guerra de Canudos pode ser obtida em nosso livro **A História da 3ª Região Militar 1889-1953**. Porto Alegre: 3ª RM, 1995. O Monsenhor Chaves aborda em sua obra a saga dos dois Batalhões de Voluntários da Pátria do Piauí que partiram para a Guerra do Paraguai com o reforço inclusive de voluntários da Polícia Militar do Piauí e mobilizados em trabalho hercúleo no governo do Presidente do Piauí Dr Franklin Dória e Barão de Loreto e que na condição de Ministro da Guerra do Brasil fundaria em 1881 a Biblioteca do Exército, da qual hoje é o seu patrono ou denominação histórica. Biblioteca que passou a ser Editora em 26 de junho de 1937 na Direção do Gen Div Valentim Benício.

Análise Militar do Combate de Jenipapo

Qual a razão dos patriotas conhecedores do terreno ao longo do itinerário Paraíba – Oeiras não terem recorrido à guerra de guerrilhas “a estratégia do fraco contra o forte”. Modalidade com antecedentes no Nordeste com a guerra de Emboscadas ou Guerra Brasília que evoluiu até as Batalhas dos Guararapes que terminaram por expulsar os holandeses do Brasil e assim preservar a Unidade do Brasil.

Guerra de guerrilhas fluvial utilizada na Amazônia pelo guerrilheiro Capitão Pedro Teixeira para expulsar cerca de um século antes os ingleses e holandeses da Amazônia.

Enfim, uma estratégia eficaz usada pelos brasileiros para expulsar os holandeses da Bahia em 1724, de Pernambuco em 1754 e mais tarde os espanhóis do Rio Grande do Sul em 1776.

Estratégia que seria usada pelos cabanos no Pará e balaios no Maranhão e bem mais tarde no Acre por Plácido de Castro e até um pouco antes no Amapá pelo General Cabralzinho para libertar o Amapá de investida francesa sem se mencionar as lutas contra os franceses no Maranhão. Esta é a pergunta que ficará no ar!

O Combate de Jenipapo à luz da Arte Militar

Analisaremos o combate à luz dos Princípios da Guerra e da Manobra e seus elementos, dos pontos de vista dos patriotas e dos portugueses.

A manobra Patriota

Objetivo: Visava impedir a marcha do Major Fidié para Oeiras.

Forma: Manobra defensiva com ações dinâmicas de defesa – o contra ataque.

Direção: Convergente de todos os elementos.

Repartição de meios: Não é caracterizado, ficaram todos agrupados.

Amplitude da Manobra: Manobra Tática, uma Ação Retardadora, com repercussões estratégicas, visando impedir a chegada e retomada de Oeiras pelo Major Fidié.

Os Patriotas e os Princípios de Guerra

Ao longo das guerras foram isolados certos princípios que se bem aplicados por uma força considerada é meio caminho para o sucesso. Princípios que foram denominados Princípios de Guerra e que segundo o Marechal Castelo Branco poderiam ser aplicados em qualquer atividade humana na conquista de um objetivo visado.

Mas não existe consenso internacional sobre a denominação dos princípios de guerra. Eu, por exemplo, incluo o Princípio de Guerra das Informações de se procurar conhecer bem o inimigo. Princípio que infra-estrutura os demais: Objetivo, Massa, Ofensiva, Economia de Forças, Manobra, Surpresa, Segurança, Simplicidade e Unidade de Comando.

Objetivo: O objetivo patriota era impedir o prosseguimento do Major Fidié para Oeiras e reconquistá-la e assim impedir a consolidação da Independência do Piauí e dali ,em aliança com o Maranhão, anular a consolidação da Independência na região (Piauí, Maranhão e Ceará) e controlar a economia da região – a pecuária.

Massa: Foi inicialmente atendida ao reunirem o maior número de patriotas e marcharem para o corte do rio Jenipapo e ali tomarem posição defensiva coberta e abrigada na barranca do Jenipapo vazio.

Ofensiva: Foi procurada uma ofensiva ou ação dinâmica da defesa ao abandonarem a posição e partirem para um confronto com a Vanguarda de Fidié, imaginando estarem enfrentando toda a tropa de Fidié. Mudança de defensiva para ofensiva em ataques sucessivos, visando penetrar na posição que ocuparam inicialmente e que foi ocupada por Fidel agora na retaguarda patriota.

Economia de forças: Não houve, pois toda a força foi empenhada no combate sem se deixar uma reserva e a posição ocupada ao todos partirem para o ataque. E o mesmo aconte-

ceu ao tentarem reconquistar a posição inicial que ocuparam.

Manobra: Manobra é movimento. É o deslocamento da Massa para o ponto mais comprometido do inimigo. Os patriotas maciçamente manobraram equivocadamente sobre a vanguarda de Fidié, imaginando fosse o grosso da tropa de Fidié, criando condições para Fidié envolver a posição abandonada pelos patriotas e ocupá-la, fortificá-la e nela colocar seus 11 canhões em posição.

Surpresa: Os patriotas ao se posicionarem cobertos e abrigados no corte do Jenipapo e ali surpreenderem Fidié, foram surpreendidos por este ao atacarem em massa a Vanguarda de Fidié abandonando a posição inicial.

Segurança: Os patriotas não deixaram reserva nem exploraram em profundidade com postos avançados ao longo das duas estradas de acesso à passagem do rio Jenipapo. Ficaram em posição a espera de Fidié e foram surpreendidos e se deixaram enganar atacando a Vanguarda e não o Grosso de Fidié se deslocando pela estrada à esquerda.

Simplicidade: A manobra patriota foi simples até a ocupação da posição no corte do Jenipapo e complexa no equivocado ataque à vanguarda de Fidié.

Unidade de Comando: Não houve. Havia diversos comandos que tomavam iniciativas próprias ao atacarem a vanguarda de Fidié abandonando a posição precipitadamente em bandos. E o mesmo em relação aos ataques desbordantes tentados e o de penetração.

Se tivessem esperado na posição inicialmente ocupada e ali esperado toda a tropa de Fidié talvez tivessem um melhor resultado num corpo a corpo com o adversário com armas de carregar pela boca e os canhões em coluna, com dificuldade de em tiros diretos atingir os patriotas, que poderiam ter imposto mais baixas a Fidié e talvez até o vencido.

Mas o equívoco ao atacar a vanguarda de Fidié em Massa, julgando tratar-se de toda a tropa comprometeu seriamente a operação, mas que apesar de tudo impediu por sua agressividade a marcha de Fidié para Oeiras, objetivo estratégico dos patriotas.

Princípio das Informações: Foi a maior falha dos patrio-

tas que resultou na sua derrota tática em Jenipapo, mas uma vitória estratégica que impediu a marcha de Fidié para Oeiras.

O Major Fidié e os Princípios de Guerra

Objetivo: Era vencer taticamente os patriotas que lhe oferecessem resistência e atingir seu objetivo estratégico; reconquistar Oeiras e dali tentar reverter o processo de Independência do Piauí com auxílio da Junta de Governo pró-Portugal do Maranhão. E em Oeiras dominar a produção pecuária do Piauí de interesse vital às províncias vizinhas.

Massa: Sua manobra foi ofensiva visando abrir seu caminho para Oeiras, ao realizar um envolvimento da posição patriota inicial e ocupá-la. Ocupada passou a Defensiva, impedindo que ataques patriotas desbordassem e penetrassem na sua posição, o que provocou apreciável desgaste de sua tropa, em face de notável agressividade dos ataques dos patriotas, atestado pelas 80 mortes em sua tropa, que alguns historiadores calculam em cerca de 200. Massa que foi expressiva com o uso de seus 11 canhões contra os ataques patriotas.

Ofensiva: Fidié foi ofensivo em sua manobra de envolvimento da posição abandonada pelos patriotas e ofensiva através de contra-ataques para impedir a penetração e desbordamento de sua posição.

Economia de Forças: Fidié dividiu suas forças a Cavalaria, a Infantaria e a Artilharia se deslocando pela estrada da esquerda e mais o Trem (bagagem a retaguarda) e pela estrada da direita uma cobertura de seu flanco esquerdo com uma força de Cavalaria, fazendo o papel de Vanguarda que foi atacada por toda a força patriota e manobrou em retirada, permitindo a manobra envolvente de Fidié.

Manobra: Fidié colocou a sua esquerda com proteção de flanco e vanguarda uma tropa de Cavalaria que atraiu sobre si toda a força patriota que pensava estar enfrentando Fidié, enquanto este aproveitou para fazer um envolvimento da primitiva posição patriota e nela tomar posição e posicionar seus 11 canhões sem interferência.

Surpresa: Fidié a conquistou no mais alto grau. Os patrio-

tas que pretendiam surpreendê-lo na posição no rio Jenipapo foram surpreendidos ao atacarem em massa a vanguarda de Fidié, julgando tratar-se de toda sua força que se retirava. Surpresa dos patriotas ao retornarem do seu ataque constatarem que a posição que havia sido abandonada estava ocupada por Fidié, que se interpôs entre os patriotas e Campo Maior.

Segurança: O Major Fidié, profissional experimentado na guerra na Península contra o General Junot, não descuidou da segurança. Avançou na direção de Jenipapo com uma força cobrindo o seu flanco à esquerda e como sua Vanguarda. Marchava seguido de seus Trens (bagagens) que ao fazer a sua manobra envolvente a deixou ficar para trás, sendo atingido e saqueado pelos patriotas em retirada com grandes prejuízos. Pois ela ficou atrás da posição patriota.

Simplicidade: A manobra de Fidié foi simples. Um envolvimento pela direita da primitiva posição patriota, depois desta abandonada pela Massa patriota que correu em direção da Vanguarda de Fidié a base de Cavalaria e em retirada imaginando ser toda a tropa de Fidié em retirada.

Unidade de Comando: Fidié a manteve em toda a operação.

Informação: Fidié sempre procurou se informar ao máximo dos movimentos dos patriotas, mantendo a frente da sua força uma vanguarda de Cavalaria para prevenir surpresas e ter tempo de desdobrar seus meios para um combate.

O livro *Vária fortuna de um soldado português do brigadeiro Fidié*

Em 1850, o Brigadeiro Fidié publicou livro intitulado ***Vária Fortuna d'um soldado português, oferecido ao público pelo Brigadeiro Fidié***. Lisboa: Tip. de Alexandrina Amélia de Sales. Rua dos Galegos nº 47, 1850.

Livro reeditado em 1942 na Administração do Interventor Federal do Piauí, Leônidas de Castro Mello, pela Biblioteca e Arquivo Público do Piauí, dirigida por Anísio de Brito Mello e comemorativo da Independência do Piauí em outubro de 1942.

Esta edição foi acrescida de judiciosa e valiosa interpreta-

ção do Dr. Henrique Brito Costa.

O consultamos na IHGB em 11 de dezembro de 2007, a procura de subsídios sobre o desenvolvimento do combate de Jenipapo. Mas pouco encontramos neste sentido a não ser o reconhecimento de seus serviços no Piauí e outras referências nos documentos 3, 5, 10, 13, 14, 18, 20, 26, 28, 30 32 e 42 sobre a luta que enfrentou no Maranhão e Piauí, para Fidié justificar seus pedidos de justiça relacionados com o seu comando no Colégio Militar. Ajudou-nos em Lisboa o Sargento Chefe Antonio Lucena do Carmo do Exército de Portugal e notável escritor militar representante da AHIMTB em Portugal.

Subsídios que abordaremos em local próprio para comprovar a sua grande capacidade guerreira, com vistas a valorizar mais o notável esforço militar dos patriotas do Ceará, Piauí e Maranhão que o enfrentaram em Jenipapo o obrigando a mudar seus planos e ir para Caxias, onde seria vencido.

Oficial valoroso que ao retornar a Portugal esteve ligado ou dirigiu por cerca de 20 anos o Colégio Militar de Lisboa, encarregado de preparar oficiais para o Exército de Portugal, tal o reconhecimento em Portugal de sua ação no Brasil, como nesta opinião do Conselho de Ministros ao promovê-lo a tenente coronel:

“Que quando Fidié foi Governador da Província do Piauí, prestou tão relevantes serviços, que não só a superiorização a seus iguais, mas lhe creditarão brio, valor e honra militar da Nação em tanta forma (de tal forma) que os próprios inimigos lhe tributaram públicos encômios (elogios) e procuraram atrai-lo para a causa brasileira.”

Os documentos que ele publicou em sua **Vária Fortuna**, refletem o perfil psicológico de digno representante das mais antigas tradições do Exército de Portugal, que eles transmitiram ao Brasil, em cerca de 322 anos, os quais se refletiram positivamente no Exército Brasileiro, como esta interpretação do General Paulo Cidade do pensamento militar português:

“Julgada a causa justa, pedir proteção Divina e atuar ofensivamente, mesmo em inferioridade de meios.”

Fidié refere que esteve preso em Caxias 8 meses e 15 dias, de onde foi enviado para Oeiras onde ficou preso 4 me-

ses. Dali foi enviado escoltado para a Bahia, distante 200 léguas, onde ficou preso durante 25 dias no Forte do Mar. Dali foi levado para a Ilha Villegaignon (atual sede da Escola Naval) no Rio de Janeiro até ser solto e embarcado para Lisboa.

Esteve preso por 1 ano e 10 dias, afora o tempo de deslocamento de Caxias a Oeiras e desta para Salvador e por fim ao Rio de Janeiro.

Vária Fortuna revela que as tropas de que Fidié dispôs eram Milicianos e inclusive o Regimento de Cavalaria de Milícias de Parnaíba que lhe fora mandado para Oeiras, por desconfiados de sua lealdade.

A certa altura referiu haver sido elogiado por D. Pedro I por sua atuação militar no Piauí e Maranhão. Elogio que D. Pedro I lhe repetiu ao desembarcar na cidade do Porto, depois da Abdicação.

Em outra parte assim se refere às seduções dos patriotas com honrarias e postos mais elevados, as quais sempre recusou, quase tenazmente, servindo-me de brasileiros, “cujo modo de pensar, só a minha presença fazia diferente de seus compatriotas independistas”. (Doc. 13).

E que com o enfrentamento dos patriotas em Jenipapo visava o retorno e retomada de Oeiras.

E taticamente, Jenipapo foi uma Ação Retardadora vitoriosa, como um Movimento Retrógrado, alternativa para as manobras de Defensiva ou Ofensiva.

E mais, o retardamento que os patriotas impuseram a Fidié teria sido bem maior ou até de vitória, não fora eles terem abandonado a sua posição em massa para perseguir a vanguarda de Fidié que imaginaram se tratar da totalidade de sua força. E isto se explica pela inexperiência militar da massa patriota ali reunidos, como o povo em armas, numa emergência e em maioria usando ferramentas de trabalho.

Oeiras era estratégica e sua posse por Fidié ou pelos patriotas assegurava ao controlador daquele Acidente Capital enorme vantagem estratégica.

Para Fidié, controlar em tempo de seca o fornecimento de gado para o Maranhão, Ceará, Pernambuco e Bahia. E para a Bahia afetando não só a sua população como as tropas do

General Madeira de Mello.

De posse de Oeiras, Fidié por sua experiência e liderança militar poderia tentar reverter todo o processo de Independência no Maranhão, Piauí e Ceará e ser reforçado por Madeira de Mello na Bahia.

Em outra parte consta:

“No Brasil ainda se escreve o nome Fidié com respeito e ser homem honrado.”

Sobre Jenipapo **Vária Fortuna** refere “como carnificina pavorosa que resultou entre os patriotas 200 mortos e feridos e captura de Bagagem de Fidié com munições e outros itens expressivos”.

No Documento 20 existe esta referência:

“O verdadeiro soldado português, o benemérito Governador Fidié, acaba de vencer a maior força que talvez de sediciosos do Piauí, poderão jamais se opor. E aqui homem exímio, colocado em circunstâncias das mais perigosas a arriscadas ele fez a sua Nação, um dos serviços mais relevantes que se há praticado neste Reino, embora lhe ocorreriam ulteriores desastres. O seu mérito sublime já está formado num desses padrões indestrutíveis, que recomenda os grandes homens a mais remota posteridade”. Doc 2, p. 115)

Fidié não dispunha no Brasil de tropas européias como as Divisões de Portugal sediadas na Cisplatina, Rio de Janeiro e Brasília.

A respeito desta escreveu em sua **Vária Fortuna**:

“A vista disto é difícil acreditar-se que abandonado de tudo no Brasil, de todo o humano auxílio, sem ter a minha disposição um Corpo (Unidade Militar) de minha confiança e sem o gasto de um real de Portugal, pude mostrar como um soldado em campanha deve agir neste caso, e não obstante desapoiado, realizar alguns serviços como mostrarei...”

Pedro Calmon, afirmou na **RIHGB**, v. 148, p. 321 sobre a Independência do Brasil de que “Jenipapo não foi uma derrota patriota.”

E com ele concordamos com os seguintes argumentos estratégicos e táticos.

O ideal de Independência era forte no Brasil. E parece ter havido uma combinação entre lideranças de Parnaíba e Oeiras.

Fidié foi atraído com o grosso de suas forças para Parnaíba deixando Oeiras pouco guarnecida, criando assim as condições para os patriotas dominarem militarmente Oeiras em sua ausência e tomarem várias medidas preventivas contra a intervenção do Maranhão, reduto pró Portugal.

E os arquitetos conscientes ou não, desta manobra estratégica de atrair Fidié para Parnaíba pode ser colocado na conta do líder da Parnaíba Simplício Dias da Silva, homem riquíssimo e viajado inclusive hóspede da França e que financiaria os patriotas.

E em Oeiras, o líder da operação, para a sua retomada Brigadeiro Joaquim de Sousa Martins, aproveitando a saída de Fidié atraído para Parnaíba e cujo retorno para Oeiras foi impedido pelos patriotas em Jenipapo, aonde ele chegou logo a seguir com suas forças.

Portanto o mestre Pedro Calmon tem razão em afirmar que Jenipapo não foi uma derrota.

Exemplo disto foi a manobra retardadora dos federalistas na Lapa, em 1894, no Paraná, liderada pelo Cel Gomes Carneiro que deteve por cerca de 40 dias os federalistas na Lapa que só a ultrapassaram com a morte do líder Gomes Carneiro.

Isto deu tempo ao Marechal Floriano para organizar a defensiva intransponível em Itararé, na divisa SP/PR, e fazer chegar no Rio de Janeiro a Esquadra Legal, adquirida no exterior, que debelou a Revolta na Armada na Baía de Guanabara e a seguir no litoral em Santa Catarina.

A bem sucedida Ação Retardadora patriota em Jenipapo, em que pese o grande erro tático de confundir a Vanguarda de Fidié com todo o seu efetivo, mas que tornou possível a captura de expressivos itens de suas bagagens deixadas à retaguarda, foi decisiva para impedir a retomada de Oeiras por Fidié, o obrigando a ir para Caxias, onde ocupou o Monte das Tabocas, atual Monte Alecrim, homenagem a um dos mais expressivos heróis de Jenipapo, onde Fidié resistiu com os seus 700 homens ao cerco de 3.000 patriotas ao comando de José Pereira Filgueiras.

“Resisti até o último apuro, tirando do campo inimigo a

ponta de baioneta, os víveres (alimentos) preciosos para sustentar a minha tropa, cheia de fadigas e reduzida as circunstâncias mais penosas, até que certo de que não poderia ser socorrido e não podendo fazer mais nada, capitulei.”

E no Monte Tabocas os patriotas capturaram 20 peças de Artilharia e 5 bandeiras, segundo o Barão do Rio Branco em **Efemérides Brasileiras**.

No ataque ao Monte Tabocas, onde Fidié se entrincheirara, Alecrim, herói de Jenipapo, perdeu mais de 400 homens, bem como o heróico cearense José Pereira Filgueiras que não foi mais feliz do que Alecrim o que se conclui da leitura de **Vária Fortuna** de Fidié.

Sobre estas numerosas baixas patriotas, sangrenta batalha contra Fidié em Jenipapo e em Caxias afirmou Hermínio de Brito Conde:

“É falsa a assertiva de que a Independência do Brasil se operou sem lutas e dificuldades, quase que por um acordo entre a Colônia e a Metrópole, do que nos vem uma sensação de inferioridade, em relação à epopéia da Independência de outros povos da América.”

E concordamos com a interpretação de Hermínio de Brito Conde ao concluir a análise da obra **Vária Fortuna** de Fidié em 1942. E a completamos:

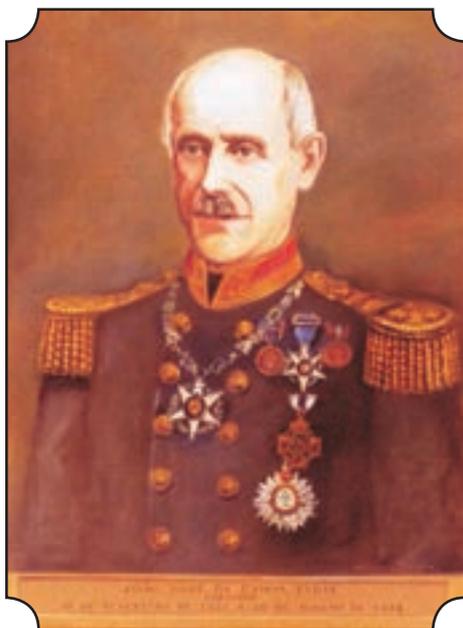
– O Nordeste não aderiu a Independência do Brasil e sim a construiu.

– De que Fidié, hábil e competente militar português constituiu um grave risco para a Unidade Nacional, especialmente antes da ação retardadora de Jenipapo, que contribuiu decisivamente para a consolidação da Independência no Piauí, Ceará e Maranhão. Adversário dos patriotas, Fidié “era possuidor de inflexível energia de caráter, formado guerreiro no Campo de Batalha na Guerra da Península. E depois Governador das Armas no Piauí, foi em Portugal, por cerca de 20 anos, consagrado educador da sua juventude militar destinada a carreira das Armas.

Mas a sua astúcia, competência e grande experiência foram correspondidas pelo alto valor dos patriotas improvisados

militares, o que muito valoriza a atuação dos mesmos que o enfrentaram, especialmente em Jenipapo, combate que se constituiu no fiel da balança, da luta pela Independência do Nordeste, razão por que deve ser valorizado nacionalmente e não só constar fora do Piauí com referências muitas injustas que sonegam a grandiosidade da luta dos patriotas e seus notáveis reflexos na Preservação da Unidade do Brasil. História é verdade e justiça!

Tenente General João José da Cunha Fidié
1790 – 1858



Fidié foi como Major o comandante das Armas da Província do Piauí – Brasil, de 8 de agosto de 1822, até 1º de agosto de 1823, por cerca de um ano, até ser forçado a render-se em encarniçados e duros combates, em Jenipapo no Piauí, e em Caxias no Maranhão.

Fidié nasceu em Lisboa em 1790, cidade que possui uma rua com o seu nome. Não se dispõe de dados sobre quem foram seus pais, esposa e filhos.

Praça voluntário como cadete, aos 18 anos no Regimento de Infantaria nº 10 do Exército de Portugal.

Foi promovido a Alferes quase que um ano depois, em 29 de dezembro de 1809, quando Portugal se preparava para lutar contra a 3ª Invasão de Napoleão. E aí tem início sua carreira de destacado guerreiro.

Experiência guerreira: Defendido Portugal, a Guerra prosseguiu na Espanha e o Alferes Fidié integrando o Exército Anglo-luso combateu sucessivamente em Buçaco (27 de setembro de 1810), seu batismo de fogo, em Albuera (16 de maio de 1811), nos cercos de Olivença (9 a 15 de abril de 1811) e de Badajoz (junho de 1811) e na tomada de Aroyo Molinos (28 de outubro de 1811), e nas batalhas de Vitória (21 de junho de 1813), Pirineus (31 de julho de 1813), Nivel-le (10 de novembro de 1813), Nive (9 a 13 de dezembro de 1813), Orthiz (27 de fevereiro de 1814) e Toulouse (10 de abril de 1814).

Finda campanha que durou cerca de 52 meses, iniciada com o seu batismo de fogo na Batalha de Buçaco (27 de setembro de 1810) ele retornou a Portugal no início de setembro de 1814, depois de uma penosa marcha com sua unidade que durou cerca de três meses.

Foi promovido a Tenente em 15 de dezembro de 1814 depois de cerca de 2 meses e meio de seu retorno a Lisboa.

Capitão em 1818, veio para o Brasil por sua vontade, integrando o Batalhão de Infantaria 15 que integrava Divisão Expedicionária ao Rio de Janeiro, capital do Reino Unido a Portugal e Algarves.

A missão de sua Divisão era combater em Pernambuco a Revolução Pernambucana em 1817, nativista e republicana. Mas ao desembarcar no Brasil esta Revolução havia sido sufocada. Seus líderes pretenderam libertar Napoleão para no Brasil liderar uma resistência aos que o confinaram, em Santa Helena.

Fidié retornou a Portugal e foi promovido a Major, sendo destacado para a ilha da Madeira, como Ajudante-de-Ordens de 1819 a 1820 de Sebastião Xavier Botelho.

No final de 1821 Fidié retornou ao Brasil como Governador das Armas do Piauí, coincidindo com a publicação de Decreto de D. João VI exigindo o retorno do Príncipe D. Pedro para Portugal, que recusou no célebre episódio conhecido como o Dia do Fico.

Em 7 de setembro de 1822, D. Pedro I proclamou a Independência do Brasil. E o Piauí mantém-se fiel a Portugal. Seus filhos reagem ao domínio de Portugal e Fidié é obrigado a enfrentá-los em Jenipapo e Caxias, como ato de resistência por reconhecerem D. Pedro como Imperador do Brasil.

E em Caxias terminou cercado e obrigado à rendição quando só lhe restavam 90 homens de sua força que chegou a cerca de 1.000 milicianos de Infantaria, Cavalaria e Artilharia.

Feito prisioneiro foi enviado preso para Oeiras, seu objetivo estratégico, não conquistado pela interferência dos patriotas em Jenipapo. A seguir foi enviado para Salvador onde foi preso no Forte do Mar e a seguir para o Rio de Janeiro, na Fortaleza de Villegaignom, atual Escola Naval.

Foi visitado na prisão pelo Imperador D. Pedro I que elogiou seu desempenho militar, ao qual Fidié se juntaria em Portugal em defesa de seus interesses.

Fidié foi recebido como herói em Portugal, tendo exercido várias funções no Colégio Militar de Portugal.

Em Lisboa foi nomeado o 1º Comandante Interino do Real Colégio Militar de Lisboa e efetivado depois de 25 de janeiro de 1827, ao ser promovido Tenente Coronel. Dirigiu o Colégio Militar diversas vezes interinamente.

Manteve-se como 1º comandante até 25 de agosto de 1829 e a seguir como subdiretor do citado Real Colégio até ser substituído por oficial miguelista.

Foi destacado para Regimento de Infantaria 15 e depois para o 5, de onde foi retirado pelos absolutistas partidários de D. Miguel, irmão de D. Pedro I.

E a partir daí, para se proteger, refugiou-se clandestinamente, só reaparecendo em 3 de março de 1833 no Porto, onde se apresentou para servir no Exército Libertador de

D. Pedro I, que fora obrigado a renunciar o trono do Brasil.

Fidié foi reconduzido as funções de 1º Comandante do Real Colégio Militar, tendo exercido antes as funções de Sub-diretor do Arsenal das Forças Liberais.

Foi promovido a Coronel de 24 de julho de 1834 e é mantido no cargo de Diretor do Colégio Militar, função que exerce até 5 de setembro de 1848, inclusive um período como brigadeiro.

Portanto comandou ou dirigiu o Real Colégio Militar como Coronel comandante ou diretor por mais de 14 anos, tendo por longo período a responsabilidade de formar a oficialidade do Exército de Portugal até a criação da Escola Politécnica e a Escola do Exército que absorveram esta função do Real Colégio Militar.

Durante a administração do Real Colégio Militar por Fidié, “as matrículas mais que duplicaram e duplicou o número de alunos que concluíram o curso. Sua zelosa gestão dos recursos conseguiu reduzir o custo diário de cada aluno em 20%.

Foi promovido a Marechal de Campo em 31 de maio de 1851 e nomeado Governador da praça de Elvas.

Foi reformado como Tenente General em 12 de abril de 1854.

Faleceu em 20 de junho de 1858 aos 68 anos.

Recebeu as condecorações: Cruz da Guerra Peninsular, Medalha da Batalha de Albuera e a da Batalha de Vitória, Comendador da Ordem de Aviz e Cavalheiro da Ordem de Cristo.

Em sua defesa e de sua memória escreveu as seguintes obras que registram os excepcionais serviços a sua pátria.

– **Vária Fortuna d’um Soldado Português, oferecida ao público pelo Brigadeiro Fidié.**

– **Breves esclarecimentos a cerca do Colégio Militar oferecidos às Cortes pelo Diretor do mesmo colégio.**

Esta síntese valoriza a luta dos patriotas do Ceará, Piauí e Maranhão que o enfrentaram em Jenipapo impedindo que retornasse a Oeiras e o vencendo em Caxias, no Maranhão.

Bibliografia sobre o Combate de Jenipapo

1. BASTOS, Cláudio. **Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí**. Teresina, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

2. BENTO, Cláudio Moreira. **O Combate de Jenipapo – descrição e análise militar e sua projeção estratégica na consolidação da Independência no Ceará Piauí e Maranhão**.

3. (____). **Brasil lutas externas Guerra da Independência**. Em Livros no site da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) www.ahimtb.org.br

4. ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. **História do Exército perfil militar de um Povo**. Rio de Janeiro: Comissão de História do Exército, 1972.

5. BRANDÃO, Wilson de Andrade. **História da Independência no Piauí**. Teresina: COMEPI.

6. CASTRO, Francisco. **A Guerra do Jenipapo: a Independência do Piauí**. São Paulo: FTD, 2002.

7. CHAVES, Joaquim. **Piauí nas lutas da independência do Brasil**. Teresina: Plano Editorial do Piauí, 1975. (Monsenhor Chaves)

8. (____). **Obras completas**. Teresinha: FMC, 2005. 2ed. p.257/411.

9. FIDIÉ, João José da Cunha. **Vária Fortuna d'um Soldado Portuguez**. Teresina, Biblioteca, Arquivo Público e Museu Histórico do Estado do Piauí, 1942.

10. FILHO, A. Tito. **Monumento do Jenipapo**. Teresina,

Fundação Monsenhor Chaves, 1988.

11.JUNIOR, Dagoberto Carvalho. **Passeio a Oeiras**. 3ª ed. Recife: Gráfica Editora Apipucos,1985.

12.NETO, Adrião. **Dicionário Biográfico – Escritores Piauienses de Todos os Tempos**. Teresina, Halley, 1995.

13.NEVES, Abdias. **A Guerra do Fidié**, 2 ed. Piauí, Edição do Governo do Estado do Piauí, 1974. 274 p. p. 121-127 (ver também outros capítulos) – n-º catalogo. IHGB: 184, 5, 11.

14.NUNES, Odilon. **Pesquisas para a História do Piauí**, 2 ed. Rio de Janeiro, Art Nova, / 1975./ 4v. n-º do catálogo. IHGB: 190, 2, 14 – 17.

15.SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. **A participação popular questionada no processo de independência no Piauí**. Cadernos de Teresina.

16.OLIVEIRA. Tácito Theophilo Gaspar. Gen Ex. Guerra da Independência – Batalha de Jenipapo - Cerco de Caxias. **Revista Militar Brasileira**. jul/dez 1975.p.11 a 30 (Trata-se de estudo militar pioneiro realizado por um veterano da FEB integrando o seu Estado-Maior e historiador militar que presidiu o Instituto do Ceará e empossado membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil etc.

17.REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO BRASILEIRO. Documentos Sobre a prisão de João José da Cunha Fidié Brasileiro t. 36 pt 1 / 1873. p. 174-175

18.(_____). Documentos relativos à expedição ao Piauí e Maranhão para proclamação da independência nacional. t. 48 (v. 70) p. 237 (ver especificamente a p. 246)

19.REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO DO CEARÁ. A Independência do Piauíhy. , t. 2, 1922, p. 21-42.

20.SILVA, Antonio Vieira. **História da independência da província do Maranhão** (1822-1828). São Luiz, 1862.

21.MANUSCRITOS NO ARQUIVO DO INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO BRASILEIRO

1) Proclamação aos piauienses pelo triunfo das armas da Independência na Guerra de Fidié. Proclamação do Cap. Com. Luis Rodrigues Chaves de Lisboa. 1823 – 2 docs. N° do catálogo IHGB: Lata 350 doc. 58

2) Documento sobre a prisão de João da Cunha Fidié em Caxias (MA) 1824. Oeiras do Piauí, 21 de fevereiro de 1824. n-º catálogo IHGB: Lata doc. 9

22.Ofícios (12) da junta de governo provisório da província do Piauí ao governo Imperial: participando a proclamação da Independência e a eleição de uma junta governativa provisória; a luta pela independência diante da resistência do major Fidié, que tem a seu lado as forças do Maranhão; o pedido de bloqueio ao porto da cidade do Maranhão para que cesse tal auxílio; união das forças do Piauí e Ceará, criando-se nova junta com as duas províncias; a vitória dessas forças sobre os revoltosos do Monte das Tabocas na Vila de Caxias.

23.JENIPAPO EM SITES DA INTERNET

www.florianonet.com.br/paginas da história para reflexão.

[Pt.wikipedia.org/wiki/batalha de jenipapo](http://Pt.wikipedia.org/wiki/batalha_de_jenipapo)

www.campomaior.pi.gov.

www.trosan.com/enciclopedia/34batalhadeJenipapo

www.culturadopiauí.com.br/batalhajenipapo.htm

www.piauihp.com/jenipapohtm.

Consultar o índice da Revista do IHGB e a Revista do Instituto Histórico do Maranhão. Ver também trabalhos de Horácio de Almeida.

Batalha ou Combate de Jenipapo?

Estudando o assunto encontramos as duas denominações relacionadas com Jenipapo. Adotamos a expressão “Combate de Jenipapo” por considerá-la mais adequada ao caso em questão. Do ponto de vista militar, “Batalha” se aplicaria ao conjunto de combates militares com vistas à consolidação da Independência do Piauí, que poderíamos denominar de A Batalha contra o Major Fidié. E no contexto dessa batalha os combates de Piracuruca e Campo Maior por forças recrutadas no Ceará, o combate de Jenipapo e uma série de combates para a conquista do Monte das Tabocas, em Caxias para obrigar Fidié a capitular. E inclusive o golpe de mão noturno para os patriotas se apoderarem das armas e munição do Arsenal de Oeiras controlado pelos portugueses.

LEGENDAS DAS GRAVURAS DO ÁLBUM RELATIVO AO COMBATE DE JENIPAPO

Gravura 1: Aquarela do pintor Miranda Junior sobre a Guerra da Independência na Bahia constante do História do Exército Brasileiro, perfil militar de um povo que pode dar uma ideia do combate de Jenipapo.

Gravura 2: Trajes usados por soldados nordestinos na Guerra da Independência no Nordeste.

Gravura 3: Traje militar usado por nordestinos na Guerra da Independência no Nordeste e possivelmente usados por patriotas em Jenipapo, segundo o Atlas Geográfico do MEC.

Gravura 4: Traje atribuído a vaqueiros do Piauí, dos quais muitos combateram em Jenipapo.

Gravura 5: Uniformes militares do Brasil na época da Independência, parecidos com os usados pelas tropas milicianas

comandadas por Fidié. Fonte: RODRIGUES, Watch. Uniformes do Exército Brasileiro, 1922.

Gravura 6: Uniforme de Coronel de Cavalaria de Milícias usado no Brasil por volta de 1755, inclusive no Piauí.

Gravura 7: Uniformes do Exército Brasileiro depois da Independência. Fonte: RODRIGUES, Watch. Uniformes do Exército Brasileiro, 1922.

Gravura 8: Provável aspecto dos 11 canhões usados por Fidié no Combate de Jenipapo. Fonte: BENTO, Claudio Moreira. A Guarnição do Rio de Janeiro na Proclamação da República, 1889.

Gravura 9: Casa em Tombador onde Fidié estacionou próximo de Campo Maior, depois do Combate de Jenipapo.

Gravura 10: Mapa geral da movimentação das tropas patriotas e das portuguesas na Guerra da Independência no Maranhão, Piauí e Ceará. Fonte: OLIVEIRA, Tácito Theóphilo, Gen Div, Guerra da Independência. Revista Militar Brasileira, jul/dez 1975.

Gravura 11: Monumento erigido pelo Governo do Piauí no local onde foi travado o combate de Jenipapo em 13 de março de 1823. Fonte: Governo do Piauí.

Gravura 12: Aspecto do cemitério onde foram sepultados em Jenipapo os mortos no combate de mesmo nome. Fonte: Governo do Piauí.

Gravura 13: Aspecto do Monumento aos heróis de Jenipapo tendo atrás os aspectos do cemitério dos heróis patriotas mortos no Combate de Jenipapo. Fonte: Governo do Piauí.

Gravura 14: Uma visão mais aproximada do digno e compatível Monumento aos Heróis de Jenipapo. Fonte: Governo do Piauí.

Gravura 15: Detalhe do marco que assinala o local do cemitério aos mortos no Combate de Jenipapo, vendo-se atrás a coluna do Monumento aos Heróis de Jenipapo. Fonte: Governo do Piauí.

Gravura 16: Bandeira do Estado do Piauí na qual espera-se seja gravada a palavra Jenipapo como ato de justiça na voz da História do Piauí.

Gravura 17: Esboços constantes na História do Exército Brasileiro 1972 balizando a esquerda a marcha forçada do Major Fidié de Oeiras a Parnaíba e, a direita, a movimentação de forças portuguesas e patriotas em direção a Caxias-MA onde teve fim a guerra, com a vitória sobre o Major Fidié.

Gravura 18: Uma alegoria sobre um combate entre tropas brasileiras civis e militares contra tropas portuguesas na Guerra da Independência na Bahia. Alegoria que serve para se imaginar o ocorrido em Jenipapo. Fonte: Calendário da FHE-POUPEx.

Gravura 19: Canhão existente no Museu do Monumento em Jenipapo que possivelmente tenha sido o único que os patriotas dispuseram e que foi tomado por Fidié. Fonte: Governo do Piauí.

Gravura 20: Visão atual do local de Combate de Jenipapo, visto da margem esquerda de onde em sua margem direita se avista ao fundo o Monumento. Fonte: Gentileza do Cap PMPI José Wilson Gomes de Assis a pedido do autor.

Gravura 21: Gravura com visão do rio Jenipapo em cheia, vendo-se na sua margem direita cerrada vegetação ciliar onde Fidié se estabeleceu defensivamente e foi atacado pelos patriotas. Na época do combate o rio estava seco. Fonte: Gentileza do Cap PMPI José Wilson Gomes de Assis a pedido do autor.

Gravura 22: Gravura da Catedral de Campo Maior a frente da qual em 13 de março de 1823 foram reunidos cerca de 2.000 patriotas que rumaram para o corte seco do rio Jenipapo para ali apresentar resistência ao Major Fidié e impedir que ele retornasse a Oeiras, o que conseguiram conquistando uma vitória estratégica ao impedir de atingir o seu objetivo estratégico.

Gravura 23: Uma visão do rio Jenipapo, vendo-se a direita a margem esquerda pedregosa e a direita a margem coberta por extensa vegetação ciliar onde os patriotas tomaram posição inicial e que depois foi usada por Fidié. Fonte: Foto enviada pelo Cap PMPI José Wilson Gomes de Assis a pedido do autor.

Gravura 24: Uma visão parcial da vegetação cobrindo a área onde teve lugar o Combate de Jenipapo de 13 de março de 1823. Fonte: Foto enviada pelo Cap PMPI José Wilson citado.

Gravura 25: Gravura do Monumento ao herói da Independência do Maranhão, Piauí e Ceará, Leonardo Castelo Branco, com explicações sob a gravura. Fonte: Governo do Piauí e complementos em sua síntese biográfica com apoio no Mon-senhor Chaves.

Gravura 26: Gravura de Rodovia de acesso do local do Combate de Jenipapo, balizado por um portal característico.

Gravura 27: Museu no interior do Monumento de Jenipapo. Fonte: Governo do Piauí próximo da entrada para o monumento. Fonte Cap PMPI José Wilson.

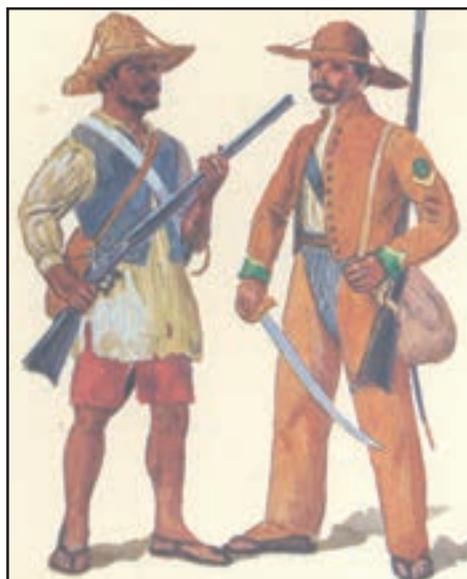
Gravuras 28, 29 e 30: Focalizam aspecto do cemitério dos mortos no Combate de Jenipapo com as fotos 29, 30 e 31 tiradas a pedido do autor pelo Cap PMPI José Wilson Gomes de Assis e enviadas por e-mail.

Gravura 31 e 32: Outros detalhes do cemitério dos heróis que tombaram em Jenipapo.

**ALBUM SOBRE TEMAS RELATIVOS
AO COMBATE DE JENIPAPO
13 de MARÇO de 1823**



GRAVURA 1



GRAVURA 2



GRAVURA 3



GRAVURA 4



GRAVURA 5



GRAVURA 6



GRAVURA 11



GRAVURA 12



GRAVURA 13



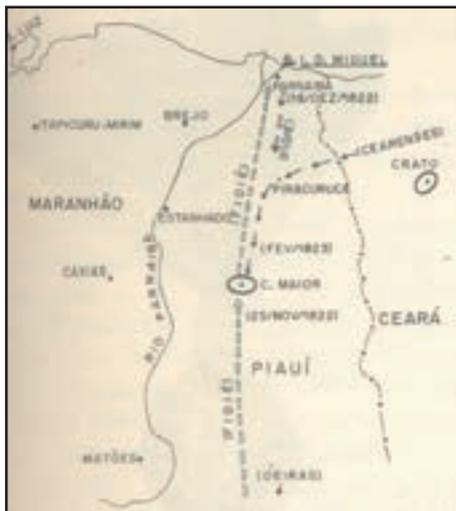
GRAVURA 14



GRAVURA 15



GRAVURA 16



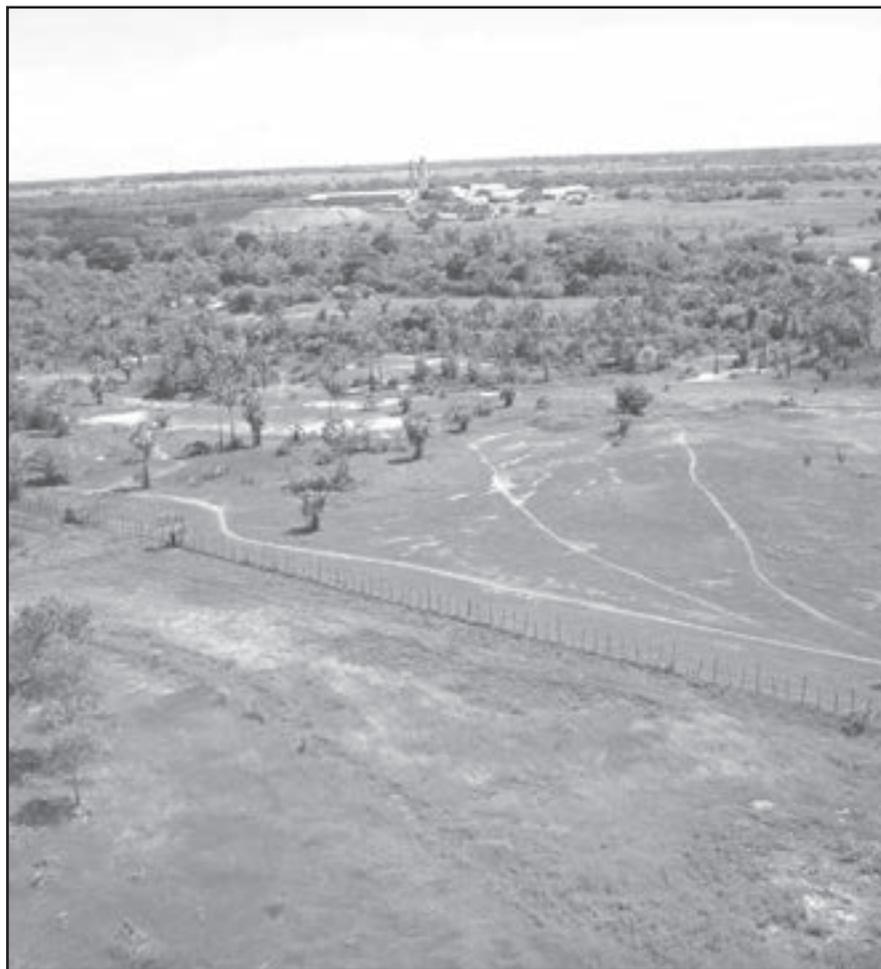
GRAVURA 17



GRAVURA 18



GRAVURA 19



GRAVURA 20



GRAVURA 21



GRAVURA 22



GRAVURA 23



GRAVURA 24



GRAVURA 25

A Gravura 25 do herói da Independência no Maranhão, Piauí e Ceará que não lutou em Jenipapo, segundo o Monsenhor, Chaves Leonardo Castello Branco que sintetizamos noutra obra.

Prezado Cel Bento - existe sim uma ligação como abaixo:

Do Marechal Humberto Castello Branco como o Leonardo, herói da Independência.

“Antonio Carvalho de Almeida + Maria Eugenia de Mesquita:

Castello Branco tiveram entre outros os filhos.

2 (segundo) - Antonio de Carvalho de Almeida – que era tetra-avô do Marechal Humberto de Alencar Castello Branco.

3 (terceiro) - Miguel de Carvalho e Silva - irmão de Antonio acima e pai do Leonardo de Nossa Senhora das Dores Castello Branco.

Portanto o pai do Leonardo era tio-tetra-avô do Marechal.

Fonte: **Os Castello Branco - A Mística do Parentesco** v. 5, Edgar do Pires Ferreira, p. 11 a 25. Estou com um volume, o lançamento ainda não aconteceu assim que acontecer lhe envio um exemplar. Abraço, Priscilla Bueno”

- (filha do historiador Marcos Carneiro de Mendonça)

- O Pai do Marechal Castello Branco que era oficial do Exército, nasceu em Campo Maior em 1860, decorridos 37 anos do Combate de Jenipapo) deve ter transmitido informações ao filho sobre o que ali havia acontecido.

- No monumento da gravura 25 consta a seguinte inscrição em placa nele afixada:

“LEONARDO DE NOSSA SENHORA DAS DORES CASTELO BRANCO.

Nasceu em 1789 na fazenda Taboca, município de Esperantina e falecido em 1873 no sítio Barro Vermelho. Organizou junto com o Capitão JOSÉ FRANCISCO MIRANDA OSÓRIO a resistência popular à Corte Portuguesa. Libertou PIRACURUCA e CAMPO MAIOR. Prepararam o Povo para a resistência ao Exército Português. Manteve a Unidade Territorial Nacional com a Batalha.

13 de março de 2002

Antônio Manoel Gayoso e Almendra Castello Branco Filho
Governo do Piauí

HOMENAGEM DO GOVERNO HUGO NAPOLEÃO

Terezina, 13 de março de 2002”.

Quando o pai do Marechal Castello Branco tinha 13 anos foi que morreu o herói Leonardo Castello Branco que ele deve ter conhecido e ouvido dele falar-se ao ponto do Marechal Castello haver referido que em “Jenipapo foi travado um combate encarniçado onde proporcionalmente morreram mais brasileiros que na Força Expedicionária Brasileira (FEB) da qual ele fora o seu E/3 Oficial de Operações.”



GRAVURA 26



GRAVURA 27

CEMITÉRIO DOS PATRIOTAS QUE TOMBARAM EM COMBATE NA DEFESA DA INDEPENDÊNCIA DA PÁTRIA BRASILEIRA

Segundo Péricles

**“AQUELE QUE MORRE POR SEU PAÍS, SERVE-O MAIS
EM UM SÓ DIA QUE OS OUTROS EM TODA A VIDA”.**

E foi o caso dos heróicos soldados desconhecidos maranhenses, piauienses e cearenses, que improvisados soldados numa emergência deram suas vidas para a conquista da Independência do Brasil e com as quais ajudaram a alicerçar, com Glória e Honra eternas.

Que talvez um dia não só o Piauí os reverenciem e lhes façam justiça histórica mas todos os brasileiros e inclusive exumando os seus veneráveis restos mortais, os resguardando em monumento votivo a altura de seus gloriosos feitos. E que prossigam as pesquisas históricas na tentativa de descobrir seus nomes e suas histórias e mais detalhes deste histórico combate de Jenipapo, ainda tão carente de fontes que revelem as circunstâncias e detalhes de seu desenvolvimento.



GRAVURA 28



GRAVURA 29



GRAVURA 30



GRAVURA 31



GRAVURA 32

Currículo do Autor Cel Cláudio Moreira Bento



Cláudio Moreira Bento Cel. Natural de Canguçu-RS terra natal de D. Otaviano de Albuquerque o 2º Bispo do Piauí, biografado pelo autor nas p. 278/280 de seu livro **Canguçu reencontro com a História um exemplo de reconstrução de memória comunitária**. Barra Mansa-RJ: ACANDHIS/Graf Irmãos Drumond 2007. É presidente e fundador da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e benemérito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil e membro da Academia Portuguesa da História e do Instituto do Ceará, etc.

Autor de mais de 85 títulos (álbuns, livros e plaquetas) e mais de 1.000 artigos em periódicos civis e militares do Brasil e EUA sobre História do Exército em especial. Possui 7 prêmios literários inclusive sobre Hipólito da Costa o fundador da Imprensa do Brasil há 200 anos. Serviu no Estado-Maior do Comando Militar do Nordeste em 1970/77 tendo sido encarregado por seu comandante Gen Ex Arthur Duarte Candal da Fonseca do projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes em Recife, inaugurado em 19 de abril de 1971 e quando lançou seu livro **As batalhas dos Guararapes descrição e análise militar**, e ditado pela UFPE com prefácio do General Candal e 4ª capa de Câmara Cascudo. Obra que mereceu comentários elogiosos de Gilberto Freire, Mauro Mota, José Américo de Almeida, Nilo Pereira, Jordão Emerenciano, etc. No Recife escreveu sobre a História Militar do Brasil nos jornais **Diário de Pernambuco** e **Jornal do Comércio** etc. Visitou o Piauí na comitiva do Gen Ex Arthur Duarte Candal da Fonseca e comitivas do Departamento de Engenharia e Comunicações tendo visitado inclusive a Usina de Boa Esperança, e instalações do Exército em Teresina e Picos. O presente trabalho, um novo olhar militar sobre o Combate de Jenipapo demonstra a sua grande projeção do mesmo na consolidação da Independência no Piauí, Maranhão e Ceará ou melhor do Grão Pará, com reflexos na independência da Bahia. Se Jenipapo vem sendo considerado no meio civil uma derrota, vale recordar-se esta sentença. Uma guerra é feita de muitas batalhas e o importante é se vencer a última que no caso foi a vitória patriota final em Caxias, que não teria existido não fora Jenipapo que se situa como um Movimento Retrógrado do tipo manobra retardadora que impediu que forças do Major Fidié retornassem para a capital Oeiras e terminasse controlando Maranhão, Piauí e Ceara e comprometendo ou retardando a independência da Bahia. Trabalho elaborado por sugestão do Gen Ex RR. Luiz Gonzaga de Oliveira como uma homenagem ao grande historiador do Piauí Monsenhor Chaves, traduzindo à luz da Arte e Ciência Militar suas profundas lições sobre a História do Piauí.

Cláudio Moreira Bento Cel - Rua Florença, 266 - Casa da Palmeira Imperial - Bairro Jardim das Rosas Itatiaia - RJ - CEP 27.580-000. Site: www.ahimtb.org.br • e.mail: bentocm@resenet.com.br.

COMENTÁRIOS

PIAUI A HISTÓRIA DA INDEPENDÊNCIA E PIAUI 250 ANOS DE HISTÓRIA EM 3 DVDs PRODUZIDOS PELA TV CIDADE VERDE EM 2008



Os DVs sobre a História do Piauí enviados ao autor pelo Cap PMPI José Wilson Gomes de Assis

Pronto e no prelo o nosso trabalho elaborado em 2008, nos 250 anos do Piauí, sobre o Combate de Jenipapo, recebemos por gentileza do Capitão José Wilson Gomes de Assis da Polícia Militar do Piauí 3 DVDs. Um sobre **A História do Piauí na Independência** e mais 2 sobre **Piauí 250 anos de História**, notável, elogiável e histórica e modelar produção historiográfica da **TV Cidade Verde** do Piauí.

Trabalhos usando este poderoso recurso de audiovisual e tornado realidade em competente e abrangente trabalho de numerosa equipe, cujos nomes declinamos ao final, como ato de justiça na voz da História do Piauí.

Trabalhos primorosos para que o Brasil conhecesse a atuação marcante e pouco conhecida do Piauí para consolidar a Independência do Brasil, na área do antigo Grão Pará, região diretamente subordinada a Portugal.

E dentro deste contexto, o Combate de Jenipapo de 23 de março de 1823 que a historiografia brasileira tem abordado em poucas linhas, sem interpretar a enorme projeção estratégica deste grande feito de nossa História Militar Terrestre, e que foi o objetivo em nosso trabalho à luz de fundamentos da Arte e Ciência Militar.

Ao Capitão PMPI José Wilson Gomes de Assis que conhecemos virtualmente ao nos solicitar, pela Internet como Presidente da Academia Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) subsídios sobre a evolução da Legislação sobre Justiça Militar no Brasil, ao longo de seu proces-

so histórico, para levar a cabo pesquisa para seu curso de Direito. E a partir de então se tornou nosso grande apoio no fornecimento de subsídios, particularmente os iconográficos, para melhor entendermos o Terreno, onde foi travado o combate, como importante fator da Decisão Militar, ao lado da Missão, Inimigo e Meios. Isto para melhor abordarmos do ponto de vista da Arte e Ciência Militar, uma análise militar pioneira do Combate de Jenipapo que ainda não fora realizada, na forma como já havíamos realizado pioneiramente entre outros sobre o enfoque de Arte e Ciência Militar, o livro **As batalhas dos Guararapes descrição e análise militar**. Recife: UFPE, 1971, 2v 1 ed., na qualidade de Coordenador do Projeto, Construção e Inauguração, em 19 de abril de 1971, do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes, pelo IV Exército (atual CMNE).

Os trabalhos de pesquisa, de consulta e de comunicação de fontes primárias relativas à História do Piauí foram primorosos pela equipe de repórteres da TV Cidade Verde. Seja em Lisboa, Salvador, Bahia, Rio de Janeiro e mesmo no Piauí. E nesta tarefa se destacaram as repórteres, Solange Souza e Eli Lopes que apresentavam o resultado de suas pesquisas com muita clareza, como consagradas comunicadoras. Seja no tocante a manuscritos, bem como quanto à cartografia.

Tarefa esta que não é comum em reportagens televisivas e jornalísticas este nível de aprofundamento histórico. Por esta razão, creio que a **TV Cidade Verde** deu um grande exemplo à Televisão e Imprensa Brasileiras, circunstância de que a Historiografia Brasileira é muito carente para fortalecer no brasileiro comum uma consciência alta e nobre da identidade nacional, apoiada em fontes íntegras, autênticas e fidedignas e não manipuladas, como se constata em interpretações históricas abundantes sem apoio em fontes primárias. Estas pesquisas em fontes primárias levadas a efeito por Solange Souza e Eli Lopes devem ter agradado os historiadores piauienses, que deram seus depoimentos valiosos nesta primorosa obra da **TV Cidade Verde**, o que é raro, insisto, na Televisão Brasileira. E mais permitindo que historiadores apresentassem interpretações diversas sobre personagens para o leitor melhor decidir-se.

E nesta minha contribuição sobre a visão da saga piauiense de Jenipapo, à luz da Ciência e Arte Militar, as ferramentas do Soldado, cumprimento a **TV Cidade Verde** e sua dedicada equipe por esta memorável realização que espero seja seguida pela TV Brasileira, em especial, apresentando a verdade histórica e não, por exemplo, praticando um linchamento moral de dois grandes generais do Império como na novela **A Casa das Sete Mulheres**, o General Bento Manoel Ribeiro e o Brigadeiro Davi Canabarro que de soldado a general se

destacaram na defesa da Integridade do Brasil no Rio Grande do Sul. Assunto que abordamos em artigo sobre o tema no site da AHIMTB, www.ahimtb.org.br.

E cumprimento à equipe técnica que realizou esta maravilha capaz de universalizar o conhecimento da saga do Exército do Povo do Piauí, balizada por Jenipapo em 23 de março de 1823.

Criação, Roteiro e Direção Geral: Jesus Tjara Filho. **Fontes dos trabalhos** (historiadores Monsenhor Chaves, Wilson Brandão, Abdias Neves e João José da Cunha e depoimentos de Fidié. **Apresentação:** César Filho. **Repórteres:** Amadeu Campos, Douglas Cordeiro Lopes, Simplício Junior, Solange Souza, Eli Lopes e Virgínia Fabris. **Coordenação Produção:** Frederico Almeida. **Direção de Cena:** Frederico Almeida e Roger Almeida. **Edição:** Frederico Almeida. **Videografismos:** Eduardo Crispim. **Câmeras:** João de Maria e Sílvio Carvalho Junior. **Câmera Making Off:** Frank Boy Moura. Paulo Sombra. **Assistente Técnico:** Francisco Carvalho (Chicão). **Produção Executiva:** Ulisses Neto. **Produtores:** Evelin Santos, Germana, Bárbara Nepomuceno, Fabyola Luana e Luiz Craveiros. **Cenografia:** Reidiomar Lima, Gildásia Silva e Francisco Junior Oliveira. **Trilhas sonoras e sonoplastia:** Lennon XP e Frederico Almeida. **Maquiagem e Caracterização:** Denise Cooltier, Simone Vieira, Ramon Vale, Yolanda Lopes e Paulo Magalhães. **Produção e Figurino:** Gisela Falcão, Sérgio Leite, L'Hosana Carvalho e Gabi Carvalho. **Passadeiras:** Marta Paula e Laiane Lima. **Motoristas:** Romero Thiago e Helder. **Participação Especial:** Vaqueiro Francisco, Adelmir Miranda, Damas da Sociedade Shênia Magalhães, Gabi Carvalho e **Pároco de Piracuruca – Grande elenco do DVD:** Major Fidié – Anthony Flezekowiski, **Vigário Geral** – Walfrido Salmito, **Vigário Colado** – Roger Arruda, **Brigadeiro Manoel de Sousa Martins** – Dirceu Andrade, **Leonardo Castello Branco** – Amauri Jucá, **Juiz de Fora** – Bosco Ferreira, **Cel Simplício Dias** – Teófilo Lima, **Cap. Luiz Rodrigues Chaves** – Manoel Soliano, **Ten Alecrin** – Luiz Craveiros e **D. João VI** – Ronaldo Bunguel.

Atores convidados: **Teresina:** Escola de Teatro Aci, Campelo: Projeto Força Jovem, **Campo Maior:** Grupo UFP, **Parnaíba:** Grupo Metáforas, **Piracuruca:** Grupo JIPI e **Oeiras:** Grupo IPH de Teatro. **Equipe de Jornalismo:** **Cinegrafistas:** Franklin Candeia, Sandoval Santrafo e auxiliares de imagem: Erasmo Veloso, Raimundo José e Romero Cavalcanti. **Agradecimentos da TV Cidade Verde:** Ao Governo e Museu do Piauí, a Companhia Especial Rone, ao 25º Batalhão de Caçadores do Exército – Batalhão Alferes Leonardo Castello Branco, ao 2º Batalhão de Engenharia de Construção do Exército e Tiro de Guerra de Campo Maior, a Fazenda Sangradouro, a Secreta-

ria Municipal e a Paróquia de Campo Maior, a Prefeitura e Paróquia e Centro Cultural de Piracuruca, a APL, Casas Inglesa e ao 2º Batalhão da PM do Piauí, 2º Esquadrão de Polícia Montada e Paróquia de Parnaíba e a Prefeitura e Secretaria de Comunicação Social de Oeiras.

Do estudo dos 3 DVDs, iniciativa creio sem paralelo na Historiografia Brasileira produzida na **TV Cidade Verde** pode-se concluir que a Independência do Piauí e por extensão do Grão Pará ou a sua continuidade em 1823, esteve nas mãos de três lideranças militares destacadas: do Brigadeiro Manoel de Sousa Martins em Oeiras e do Coronel de Milícias Simplício Dias da Silva que terminariam por selar a derrota estratégica do Major Fidié. O Cel Simplício ao atrai-lo para Parnaíba e ao Brigadeiro Manoel de Sousa Martins ao ocupar em Oeiras o espaço deixado por Fidié na capital e bloquear o acesso ao Piauí de forças do Maranhão no corte do Rio Parnaíba, criando as condições para Fidié cair na armadilha de Jenipapo que impediu o seu retorno a Oeiras para lá interromper o suprimento de gado para as províncias vizinhas. Pois o gado vacum estava para o Piauí, como o açúcar foi para Pernambuco e o café para São Paulo.

Os 2 DVDs da Coleção **Viva Piauí – 250 anos de História** se constituem uma aula magna sobre a evolução administrativa, econômica, política e social do Piauí a partir do momento em que ali se estabeleceram Domingos Jorge Velho e os Garcia D'Avila. Aula Magna de grande expressão interdisciplinar ministrada: Pelos apresentadores e apresentadoras de forma exemplar César Filho, Solange Souza, Eli Lopes, Nadja Rodrigues, Indira Gomes, Virginia Fabris, Vir Sinn e Símplicio Junior e pelas historiadoras e historiadores Claude Clark Dias, Fonseca Neto, Maria de Lourdes Henriques (Portugal), Miguel Martins e Carlos Bresciani (padres jesuitas em Salvador), José Cintra, Pedro Ferrer (Oeiras), Junior Viana (Oeiras), Claudete Dias, Cid Dias, Maria Antonieta, Tanya Brandão, Solimar Oliveira, Elivaldo Barbosa e Dora Medeiros (do Museu do Piauí), Gerson Resende (do Palácio Karnak), Damiani Rocha e Carlos Ribeiro (promotor de Oeiras). Destaque também para os escritores Paulo Machado e Antônio Lobac (?) que atuaram como historiadores, bem como a arqueóloga Liege Guidon e o antropólogo Luiz Mott. E contribuíram com os seus depoimentos valiosos os empresários Jesus Tjara, José Claudino Fernandes e Marco Theophili, complementados pelos economistas João Paulo dos Reis Veloso e Felipe Mendes e depoimentos de Nilson Alves Parente (ex-maniçobeiro) e senhor Tuma (agricultor afro brasileiro) e de D. Silvana Maia, secretária judiciária do TER/PI. No setor político José Sarney, acadêmico da ABL e ex-presidente da República e do Senado, o ex-governador Freitas Neto e o atual, Welington Dias, deputado estadual Wilson Brandão e os ex deputado Célio

Barros e o ex-vereador S. Cavalcanti (os dois últimos cassados em 1964). Até hoje não vi em abordagens historiográficas algo que se assemelhasse a esta série que envolveu tantas especialidades técnicas e autoridades nos assunto. Destaco nesta série mais uma vez o primoroso trabalho da repórter Solange na procura paciente em Salvador, Rio de Janeiro e Lisboa de Eli Lopes na Mapoteca do Itamarati no Rio. E no meu caso como historiador militar, o precioso resgate no Real Colégio Militar em Lisboa onde Fidié por muitos anos teve a missão de formar a oficialidade do Exército de Portugal e outras informações colhidas no Museu Militar e na Torre de Tombo de Portugal. Peço a Deus que a TV Brasileira recorra a esta experiência modelar da **TV Cidade Verde**, pois o Brasil necessita muito, mas muito mesmo, de trabalhos desta natureza, para evitar que a Sociedade Brasileira seja alvo de manipulações históricas numerosas que afetem a real identidade nacional. Manipulações históricas que Rui Barbosa já denunciava em seu tempo. E aos jornalistas o compromisso de bem informarem o público procurando não invadir a função social do historiador, como via de regra vem acontecendo deixando a margem historiadores e outras autoridades. E disto as repórteres da **TV Cidade Verde** deram eloquente exemplo como coletores de informações históricas obtidas de especialistas e as comunicando em alto nível à Sociedade.

Como oficial do Estado-Maior do Exército visitei em 1970 o Piauí e pudemos conhecer o Palácio Karnac sede do governo de Piauí e residência do Governador, a Usina Hidrelétrica de Boa Esperança que creio tenha sido o ponto de inflexão a contribuir para o atual e elogiável nível de desenvolvimento integral do Piauí, hoje muito consciente e orgulhoso de sua identidade, perspectivas históricas e para a qual espero haver contribuído na área militar para o Piauí mais orgulhar-se de sua identidade militar gloriosa, conquistada em Jenipapo em 23 de março de 1823. Contribuição nossa como historiador militar terrestre, presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e instrutor de História Militar dos futuros oficiais do Exército na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/89.

Como Diretor do Arquivo Histórico do Exército 1985/91 organizamos sua Mapoteca com a Cartografia Histórica do Exército transferida do Serviço Cartográfico do Exército. E nesta Mapoteca deve existir muitas cartas relativas ao Piauí e de grande interesse que poderão ser consultadas no futuro, a semelhança do que foi feito na Mapoteca do Itamarati. Estas cartas até então não eram disponíveis para pesquisas. Incluía cartas náuticas que transferimos então para o Centro de Documentação da Marinha.

Cel Claudio Moreira Bento